

MARIA



CAMPANHA DA FRATERNIDADE

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PARA A PAZ DO MUNDO

(Continuação)

- **Cultivar** uma atitude de respeito e veneração em relação às demais religiões. Não pensá-las nunca mais como espaços “vazios de salvação”. Eliminar de nosso dicionário existencial palavras e conceitos como “paganismo”, “religiões naturais”.

- **Fazer um esforço** para erradicar de nós (inclusive em nossa oração pessoal e na oração litúrgica) toda forma de falar que ignore a existência de outras religiões, outras formas de ver a Deus, outras expressões do sentido da existência humana.



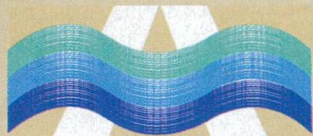
- **Resolver** decididamente a se sentir membro de uma comunidade humana universal, aberta, que tem em conta o pluralismo religioso e o valorize positivamente, que busca a comunhão de todos os seres humanos com Deus, porém sem destruir todos esses caminhos pelos quais Deus e os humanos têm-se comunicado ao longo de milênios.

- **Contemplar** a Deus, cada vez mais como “o Deus de todos os homens”, o Deus que saiu ao encontro de todos os povos e que se encontra com todos os humanos por meio das religiões dos povos.

- **Converter-me** ao amor e ao Deus Pai-mãe universal, assumindo minha identidade de filho/a de Deus e irmão/a de todos os meus irmãos e irmãs humanos, antes e por cima de toda identidade de pertença a uma religião concreta.

- **Entender** minha missão (cristã ou de qualquer outra religião) como serviço à utopia do projeto de Deus, o que os cristãos chamam/chamamos “reino de Deus”.

(Continua na próxima revista)



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria pertence à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz.

Redação: Avelino S. de Godoy; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou

Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado nos Bancos: ITAÚ — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias da Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber as anuidades correspondentes às assinaturas da revista Ave Maria.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Ligue grátis: 0800-555-021
ou pelo F á x : 3663-3491

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas da revista Ave Maria, peçam a credencial fornecida a todos eles.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan. **Minas Gerais:** Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes. **Goiás:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva; Sérgio Pierozan. **Paraná:** Sérgio Pierozan (Curitiba). **Rio Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech. **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda. **Merenda Representações:** São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

Se tiver alguma dúvida sobre sua assinatura,

ligue para a revista Ave Maria:

0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Quaresma e solidariedade

Um dos fatos mais mostrados pelos meios de comunicação, tv, jornais, revistas, Internet, neste início de ano, tem sido sem dúvida o desastre provocado pelo tsunami na Ásia no dia 26 de dezembro p.p.. Um terremoto nas profundas águas do Índico jogou ondas gigantes e constantes sobre a terra, desde a Indonésia e Malásia e se estenderam até as costas da África passando pela Índia e por países vizinhos como Sri Lanka, Bangladesh, Mianmá, Tailândia e inúmeras ilhas menores. As vítimas fatais já ultrapassaram os 250 mil. E os desabrigados estimam-se em mais de 1,5 milhão. Mas o que se tem visto também foi a onda de solidariedade que se derramou sobre esses lugares atingidos em favor das famílias enlutadas e desabrigadas. Desde ONGs com perfil humanitário até artistas, esportistas e governos sensibilizados em até congelar as dívidas dos países atingidos.

Acontecimentos assim sempre deixam-nos lições. Ao lado da humildade que devemos ter percebendo-nos tão frágeis e impotentes, está também a lição de que sem o sentimento e o gesto de ajuda solidária, as desgraças e os sofrimentos são maiores.

Porém, dentro desse turbilhão de acontecimentos ficam perguntas: poderia toda essa gente vitimada ter recebido um aviso anteriormente? A tecnologia existente (satélites e centros meteorológicos) não detectou o grande perigo antes do ocorrido? É concebível (é aceitável?) que algum organismo ciente da eminente catástrofe se omitisse de informar sobre a gravidade da situação? Não seria um gesto humanitário e solidário também (e muito mais importante) prevenir, alertando e assim milhares de pessoas teriam tempo de buscar refúgio? Ser solidário repartindo o conhecimento e a tecnologia é tão importante quanto repartir alimentos e remédios, sobretudo nesses casos.

Com este número a revista Ave Maria entra no tempo da Quaresma. A Campanha da Fraternidade nos ajudará a ampliar os horizontes do conhecimento para perceber a importância do ser humano e do comprometimento com gestos que ajudam a superar desgraças.

Maria Clara L. Bingemer em “Quaresma: Corpo e Ascese” (p.9) esclarece o sentido da prática do jejum e da penitência propostos para esse tempo de conversão e mudança de vida. Antes de ser um não ao valor do corpo é um sim à prática do serviço e da solidariedade.

Luís Erlin em “Os dignos e os indignos e uma profunda indignação” (p.10), escreve sobre a caridade que sempre devemos lembrar, mesmo porque é ensinamento permanente de Jesus: *não julgueis...* (Lc 6,36). João Batista Libânio, no artigo “Festa de Nossa Senhora de Lourdes” (p.12), aponta o sentido teológico da presença de Maria nos evangelhos e na Igreja. Maria é um ponto de integração entre a liberdade humana e a vontade de Deus.

Em “Sexo e Afeto” (p.13), Frei Betto descreve as graves conseqüências advindas da desinformação e deseducação sobre a sexualidade humana que ocorre nos lares e na escola. Ele aponta para a importância do discernimento e a necessidade de uma educação que vise à consciência crítica sobre os contra-valores, além da importância de assumir valores, cultivar o espírito e fazer projetos.

Carmen Sílvia Machado Galvão apresenta o artigo “Oração ternura e vigor” (p. 14). “Solidariedade e Paz” é o tema da Campanha da Fraternidade deste ano. É a segunda Campanha Ecumênica com as Igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) com a finalidade de testemunhar o desejo de ser sinal de paz. Os acontecimentos recentes que tanto sensibilizaram o mundo com gestos de solidariedade são exemplares e respondem ao importante mandamento cristão lembrado por João: *não amemos com palavras, mas por atos e em verdade* (Jo 3,18).

PCG

Igreja e Cáritas ajudam vítimas de maremoto

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, no Estado de São Paulo, d. Nelson Westrupp, e o secretário regional de São Paulo da Cáritas Brasileira, Antenor Roviada, enviaram mensagem ao episcopado sobre a Campanha S.O.S. de Solidariedade às vítimas do maremoto na Ásia, com data de 31 de dezembro passado, da qual extraímos alguns trechos: “Por meio desta, dirigimo-nos respeitosamente ao senhor para informar que este Conselho e a Cáritas — Regional São Paulo, está lançando a Campanha S.O.S. em solidariedade às vítimas da catástrofe ocorrida no sudeste da Ásia, como testemunho da Igreja do Estado de São Paulo...”

Desta maneira, queremos dar uma resposta generosa, como cristãos, como membros de nossa Igreja e como cidadãos do mesmo Planeta, para minimizar o sofrimento de centenas de milhares de irmãos e irmãs que estão passando por esse momento de dor e sofrimento.

Para facilitar a arrecadação e controle desses recursos, foi aberta no Banco do Brasil a seguinte conta corrente para se fazerem as doações: Cáritas Brasileira — S.O.S. — Ásia — Banco do Brasil — Agência 2800-2 — conta corrente 30.000-4.

Solicitamos ainda aos senhores que sejam mobilizadas as paróquias, escolas, meios de comunicação para que tenhamos o mais urgente possível recursos financeiros significativos da Igreja do Estado de São Paulo a serem partilhados com nossos irmãos asiáticos”.

Informações: caritasbsp@caritas.org.br ou www.caritas.org.br

70 milhões de latino-americanos sem água



Mais de 70 milhões de latino-americanos carecem de água potável, e a região perdeu mais de 50 milhões de hectares de florestas em 30 anos, afirmou no dia 24 dezembro passado, no Panamá, o diretor regional do programa ambiental da ONU, Ricardo Sánchez. A grave degradação dos recursos naturais na região “afeta, sobretudo, os mais pobres”, assinalou o cubano Sánchez, diretor para América Latina e Caribe do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

Embora não tenha especificado a extensão, ressaltou que a América Latina “tem importantes reservas de florestas e as mais importantes reservas de biodiversidade e de solos agrícolas” do mundo, mas ressaltou que é preciso preservá-las e aproveitá-las para o desenvolvimento.

Milhões de latino-americanos e caribenhos, enfatizou Sánchez, vivem em condições de vulnerabilidade, o que agrava o impacto de chuvas, terremotos, furacões e outros fenômenos naturais em vidas humanas e infraestrutura. Na região, há 224 milhões de pessoas vivendo na pobreza”, e esta deterioração ambiental “afeta sua qualidade de vida”, disse o diretor do Pnuma.

Ele insistiu que “devemos trabalhar para reverter” essa degradação e alcançar uma maior igualdade social, sobretudo porque a América Latina “é a região de maior desigualdade do Planeta”.

Campanha de Desarmamento

Esta Campanha recolheu 248.713 armas em seis meses. O número é três vezes superior à meta inicial de 80 mil armas. No dia 18 de dezembro passado, o governo publicou a medida provisória que prorrogava o prazo da campanha até 23 de junho. A ampliação do prazo da Campanha do Desarmamento levou o diretor-executivo do Movimento

Viva Rio, Rubem César Fernandes, a lançar o desafio de recolher um milhão de armas até junho de 2005.

Em números absolutos, o Estado que mais recolheu armas foi São Paulo (76.834), seguido pelo Rio de Janeiro (26.444), Paraná (23.120), Minas Gerais (21.000), Rio Grande do Sul (17.693) e Pernambuco (14.102). Se o critério fosse o índice de entrega de armas por 100 mil habitantes, Sergipe teria o maior destaque com 372,6 armas, seguido do Distrito Federal (236,1), Paraná (232,2), São Paulo (199,8), Rio de Janeiro (178,5) e Mato Grosso do Sul (176,3).

Para o diretor-executivo do Viva Rio, a ampliação da campanha vai permitir o aumento no número de postos de recolhimento, facilitando inclusive a segurança de quem decide entregar as armas. “Não precisa pegar um ônibus com a arma na bolsa para chegar a um posto policial e ainda correndo o risco de ser assaltado e perder a arma. Quando o posto fica perto de casa, a pessoa se sente mais segura”, disse.

O diretor-executivo do Movimento Sou da Paz, de São Paulo, Denis Mizne, concorda com o diretor do Viva Rio. Ele acrescentou que com uma maior organização, incluindo a entrada de igrejas e entidades de bairro na campanha, o resultado será superior ao atingido nos primeiros seis meses.

O coordenador da Campanha do Desarmamento



do Viva Rio, Antônio Rangel, informou que no prosseguimento do recolhimento de armas será resolvido um problema da primeira fase que eram a divulgação e a conscientização da necessidade de se reduzir o número de armas nas mãos da população.

Curso de Liturgia

De 14 de fevereiro a 1º de julho, realiza-se curso de especialização em liturgia, promovido pelo Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. É voltado ao clero e agentes de pastoral graduados em Teologia. Informações: (11) 6166-8555, ou (11) 6166-8562 (padre Gregório Lutz).

Heliópolis se despede de padre Ricardo



Foto: Avelino S. de Godoy

No mês de janeiro, a Paróquia Santa Paulina fez a despedida de seu pároco, padre Ricardo Gonçalves Castro, da Congregação dos Missionários da Consolata, que atuou por mais de seis anos em Heliópolis, SP. Antes de chegar a Heliópolis,

padre Ricardo esteve em missão na África e agora vai trabalhar em Manaus, AM.

Além dos trabalhos em Heliópolis, padre Ricardo lecionou no Curso de Ciência das Religiões, na Faculdade Claretiana, em São Paulo, SP, no Curso de Eclesiologia e Teologia Ipiranga (Ceti) e assessorou o grupo de formação do Setor Anchieta e as CEBs.

Prêmio Dom Hélder Câmara

O Prêmio d. Hélder Câmara de Imprensa será oferecido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a pessoas ou instituições da área de comunicação comprometidos com a promoção da cidadania e da paz.

Em 2005, é abordado o tema: "Os meios de comunicação a serviço do entendimento entre os povos". O tema reflete o desejo do Papa de que os meios contribuam para um diálogo autêntico e a um conhecimento recíproco entre os povos, que levem à compreensão, à justiça e à paz duradoura. Serão premiadas pessoas ou instituições que tenham publicado texto de gênero jornalístico conforme este tema, em duas categorias: Grande Imprensa e Imprensa católica. A data para entrega dos trabalhos é até 30 de abril de 2005. Informações: *Irmã Patrícia Silva, fsp.* (61) 313-8313. Fax: (61) 313-8333 ou imprensa@cnbb.org.br



A IGREJA NO MUNDO

• Notícias 4

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

• Solidariedade e paz! 6

PALAVRA DO PAPA

• Vencer o mal com o bem 8

FÉ E CIDADANIA

• Quaresma: corpo e ascese 9

Maria Clara Lucchetti Bingemer

• Dignos e indignos e uma profunda indignação 10

Luís Erlin

• Festa de N. Sra. de Lourdes 12

J. B. Libânio

• Sexo & afeto 13

Frei Betto

• "Código da Vinci" 16

Pe. Zezinho

LINGUAGEM POSITIVA

• Comunicação e palavras de qualidade 18

Francisco Gomes de Matos

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

• Senhora da Fé 19

Roque Vicente Beraldi

HISTÓRIA DA IGREJA

• Todos são escolhidos por Deus 20

José María Vigil

A PALAVRA É...

• Homilia e Credo 22

Luís Erlin

LITURGIA DA PALAVRA

• De 20 de março a 24 de abril 23

Adelino Dias Coelho

MEU LAR

• Agressões do silêncio proposital 30

Wimer Botura Jr.

CULINÁRIA

• Vamos cozinhar?! 32

Yvone Barros Oliveira

TURMA DA MAÍRA 33

Tina Glória

Vencer o mal com o bem

No início do ano novo, volto a dirigir a minha palavra aos responsáveis das nações e a todos os homens e mulheres de boa vontade, que sentem como é necessário construir a paz no mundo. Escolhi como tema para o Dia Mundial da Paz de 2005 a exortação de São Paulo na Carta aos Romanos: *Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem* (12,21). O mal não se derrota com o mal: de fato, por aí, em vez de vencermos o mal, somos por ele derrotados.

A perspectiva delineada pelo grande Apóstolo põe em evidência uma verdade fundamental: a paz é o resultado de uma longa e árdua batalha, vencida quando o mal é derrotado com o bem. À vista dos dramáticos cenários de violentos combates fratricidas que têm lugar em várias partes do mundo, diante dos indescritíveis sofrimentos e injustiças que deles derivam, a única opção realmente construtiva é — como sugere ainda São Paulo — aborrecer o mal e aderir ao bem (cf. Rm 12,9).

A paz é um bem a ser promovido com o bem: É um bem para as pessoas, as famílias, as nações da terra e toda a humanidade; mas um bem que deve ser conservado e cultivado mediante opções e obras de bem. Compreende-se assim a verdade profunda de outra asserção de Paulo: *Não torneis a ninguém mal por mal* (Rm 12,17). O único modo de sair do círculo vicioso do mal pelo mal é acolher a palavra do Apóstolo: *Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem* (Rm 12,21)...

... Diante de tantos dramas que afligem o mundo, os cristãos confessam com humilde confiança que só Deus torna possível ao homem e aos povos a superação do mal para alcançar o bem. Com a sua morte e ressurreição, Cristo

nos redimiu e resgatou *por um grande preço* (1Cor 6,20; 7,23), alcançando a salvação para todos. Com a sua ajuda, a todos é possível vencer o mal com o bem.

Apoiado na certeza de que o mal não prevalecerá, o cristão cultiva uma indômita esperança, que o sustenta na promoção da justiça e da paz. Apesar dos pecados pessoais e sociais que se verificam no agir humano, a esperança dá um impulso sempre renovado ao compromisso pela justiça e pela paz, juntamente com uma firme confiança na possibilidade de construir um mundo melhor.



Se no mundo está presente e atua o *mistério da iniquidade* (2Ts 2,7), não se deve esquecer que o homem redimido tem em si energias suficientes para contrastá-lo. Criado à imagem de Deus e redimido por Cristo que *se uniu de certo modo a cada homem*, este pode cooperar ativamente para o triunfo do bem. A ação do *Espírito do Senhor enche o universo* (Sb 1,7). Os cristãos, especialmente os fiéis leigos, não devem esconder esta esperança no seu íntimo, antes, pela contínua conversão e pela luta “contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos do mal” (Ef 6,12), manifestam-na também nas estruturas da vida secular.

Nenhum homem, nenhuma mulher

de boa vontade podem esquivar-se ao compromisso de lutar para vencer o mal com o bem... uma batalha que se combate validamente somente com as armas do amor. Quando o bem vence o mal reina o amor, e onde reina o amor reina a paz. Tal é o ensinamento do Evangelho reproposto pelo Concílio Vaticano II: “A lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor”.

Isto é certo também no âmbito social e político. A este respeito, o Papa Leão XIII escrevia que quantos têm o dever de prover ao bem da paz nas relações entre os povos devem alimentar em si e acender nos outros “a caridade, senhora e rainha de todas as virtudes”. Os cristãos sejam testemunhas convictas desta verdade; saibam mostrar com a sua vida que o amor é a única força capaz de levar à perfeição pessoal e social, o único dinamismo que pode fazer evoluir a história para o bem e a paz.

Neste ano dedicado à Eucaristia, os filhos da Igreja encontrem no supremo sacramento do amor a fonte de toda a comunhão: comunhão com Jesus Redentor e, nele, com todo o ser humano. É graças à morte e ressurreição de Cristo, tornadas sacramentalmente presentes em cada celebração eucarística, que somos salvos do mal e capazes de fazer o bem. Graças à vida nova que ele nos deu, podemos reconhecer-nos irmãos para além de toda a diferença de língua, nacionalidade, cultura. Numa palavra, é graças à participação do mesmo Pão e do mesmo Cálice que podemos sentir-nos família de Deus e, juntos, contribuir especifica e eficazmente para a edificação de um mundo baseado nos valores da justiça, da liberdade e da paz.

João Paulo II

Solidariedade e paz!



A Campanha da Fraternidade deste ano está sendo realizada ecumenicamente pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, CONIC¹ e convida-nos à superação da violência e ao cultivo da paz mediante a solidariedade. Já em 2000, o CONIC tinha assumido a CF, também de maneira ecumênica, cujo tema foi: "Dignidade Humana e Paz" e o lema: "Novo Milênio sem exclusões".

Preparação da IX Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas

Em 2006, em Porto Alegre, o Brasil acolherá a IX Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas. Pensamos que a Campanha da Fraternidade Ecumênica pode ser vista como parte da preparação para esse evento, na medida em que despertará consciências para a urgência e a gratificante emoção da cooperação entre as Igrejas.

A Campanha da fraternidade 2005 Ecumênica se insere na década para superar a violência. Neste espírito de união, com um projeto do Conselho Mundial de Igrejas (CONIC), está envolvido no trabalho da Década para Superar a Violência (2001-2010), com várias iniciativas e atividades. Estão sendo estudados os sinais e as causas da violência que nos cerca, em suas múltiplas formas. Ao escolher tema e lema para a CF'2005, o clima e os objetivos da década foram decisivos. Espera-se que, esgotado o tempo forte desta Campanha, as pessoas permaneçam ligadas ao processo contínuo de superação da violência. O CONIC pode ser consultado, antes e depois da Campanha da Fraternidade Ecumênica, para informações, divulgação de material, sugestões de parcerias e atividades nessa direção. A Década para Superar a Violência se articula também com a Década para uma Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo, promovida pela ONU (resolução de 10/11/98).

Desde 1983, a partir de uma Assembléia realizada no Canadá, o Conselho Mundial de Igrejas tem convidado as

Igrejas-membro a uma aliança em favor da justiça, da paz e da integridade da criação.

Tema e lema da Campanha da Fraternidade 2005

Levando em consideração todos esses dados, as Igrejas optaram pelo tema da CF'2005: Solidariedade e Paz. Basicamente se percebeu que a paz só pode ser firme se todos de fato se importarem com todos. A regra básica de amar ao próximo como a si mesmo se encontra também em outras religiões e pode ter várias formulações: saber colocar-se no lugar do outro, defender o direito alheio como defendemos o nosso, sentir a dor dos irmãos e irmãs, querer para o outro a segurança que queremos para nós.

O que fala a Bíblia

A *Bíblia* mostra a violência decor-

rente da escolha contrária ao plano de Deus: Caim matando Abel é o símbolo de como a vida se torna insegura simplesmente porque não sabemos viver como irmãos e irmãs. É significativa a resposta de Caim, quando Deus lhe pergunta por Abel: *Por acaso sou eu guarda de meu irmão?* (Gn 4,9). Solidariedade é o exato contrário da atitude de Caim: cada pessoa é guarda (não no sentido de ser fiscal, mas de ser protetora) de seus irmãos e irmãs, todos se sentindo responsáveis por todos, cada um(a) se sabendo protegido pela presença dos outros filhos e filhas de Deus, pelo senso de justiça de todos.

Solidariedade alegre

Coerentemente com o desejo de Deus, que é vida plena e felicidade, não vemos a solidariedade como uma obrigação penosa, mas como um caminho que leva à alegria, um modo inteligente

de viver que será mais gratificante para todos. O lema escolhido nos remete para as bem-aventuranças: Felizes os que promovem a paz. Quando Deus nos propõe opções, está sempre na esperança de que escolhamos o melhor, aquilo que nos vai trazer mais felicidade, não só na vida eterna, mas ainda aqui neste mundo. É assim que o *Deuteronômio* resume o regulamento proposto ao povo de Deus: *Eis que ponho diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe, pois, a vida...* (Dt 30,19).

Confiar em todos

Escolher a solidariedade como meio de promover a paz é escolher a vida. A violência que nos cerca é péssima para todo mundo. Cada ser humano que tem sua segurança violada é uma ameaça à segurança de todos os outros. Um provérbio chinês diz que "a porta mais segura é aquela que não precisa de chave". A *Bíblia* reforça essa idéia quando nos apresenta a Nova Jerusalém, símbolo da conquista final de todo o bem, como uma cidade que nunca precisa fechar suas portas (Ap 21,25). Porta sem chave significa confiança de que ninguém violará nossos direitos. A nossa maior segurança é quando todos podem confiar em todos, podem contar

com todos, ninguém sendo indiferente ao sofrimento de outro.

Objetivo geral e objetivos específicos

As Igrejas promotoras da CF'2005, definem assim o objetivo geral: "Unir Igrejas cristãs e pessoas de boa vontade na superação da violência, promovendo a solidariedade e a construção de uma cultura de paz".

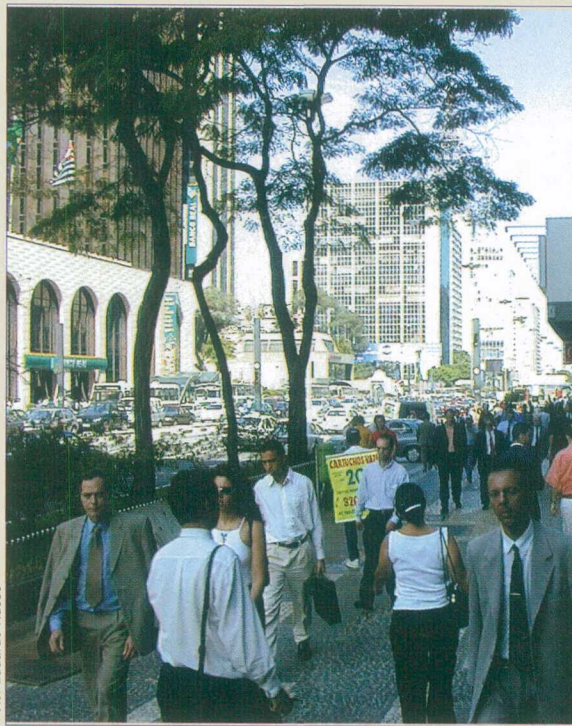


Foto: Eduardo Russo

Esse objetivo geral se desenvolve através de objetivos mais delimitados, ligados a aspectos particulares do desafio da construção da paz com uma postura solidária. São, portanto, objetivos específicos:

- Colocar no centro da vida e do testemunho das Igrejas a preocupação e o esforço de superar a violência e de promover a solidariedade e a paz; alertar sobre o mau uso da identidade religiosa e étnica e lembrar o compromisso das religiões com a paz;
- Desafiar as Igrejas para que superem o espírito, a lógica e a prática da violência, tanto direta quanto estrutural, e se oponham a qualquer forma de violência, exclusão e intolerância;
- Promover uma espiritualidade alicerçada na reconciliação e na solidariedade;
- Promover ações públicas para reformar e aperfeiçoar a legislação e as instituições responsáveis pela segurança pública, tendo em vista o respeito aos Direitos Humanos e sua inviolabilidade;
- Apoiar iniciativas de

reformas estruturais que visem à transformação das condições sociais e culturais que causam violência;

- Contribuir ativamente com ações emergenciais para superar a fome e a pobreza;
- Favorecer soluções não violentas dos conflitos sociais.

Extraído do Texto-base da CF'2005 – CNBB.

¹ No momento, sete Igrejas são membros plenos do CONIC: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Cristã Reformada, Igreja Episcopal Anglicana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista, Igreja Ortodoxa Siriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Unida.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

Foi fundado em 1948, tem sede em Genebra, na Suíça.

É uma organização importante, tanto na defesa dos Direitos Humanos quanto no empenho para o desenvolvimento de uma relação ecumênica que ajude as Igrejas na descoberta de caminhos para a recomposição da unidade visível dos cristãos. O CMI reúne mais de 340 Igrejas, denominações e comunidades de Igrejas em mais de 100 países e territórios do Planeta. A Igreja Católica Romana não é membro pleno mas participa na Comissão de Fé e Constituição, em um Grupo misto de Trabalho e em outras atividades, como a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Sua IX Assembléia, em 2006, terá como tema: "Deus, transforma o mundo, em tua graça!"

QUARESMA: corpo e ascese

Maria Clara Lucchetti Bingemer



Foto: Douglas Mansur

O tempo da Quaresma que agora vivemos traz consigo o apelo à conversão e à mudança de vida. Para realizar esta proposta, a Igreja propõe a cada fiel a prática da penitência, do jejum e outros exercícios ascéticos que têm a função de "recordar" ao corpo sua verdade e vocação: ser a condição de possibilidade da inserção do ser humano no mundo e de sua comunicação com os outros.

Esta valorização da ascese por parte do Cristianismo como mediação importante para aproximar-se mais de Deus e dos irmãos tem recebido da mentalidade moderna e pós-moderna críti-

cas severas. Seria uma espiritualidade dolorista, que esconderia no seu fundo mais profundo um elemento doente e distorcido, revestido de masoquismo, que enalteceria o sofrimento e a dor de maneira malsã, apresentando a vida como um vale de lágrimas e o caminho para a santidade como uma sucessão de infundáveis e cruentos sacrifícios.

Ora, na verdade é totalmente outra a proposta da Igreja quando exorta os fiéis à conversão neste tempo que antecede a Páscoa. A experiência religiosa e mística das religiões introduziu a conexão entre a experiência do amor divino e a experiência da corporeidade

presente, sobretudo, na linguagem dos místicos.

O grande pensador Georges Bataille (1897-1962) defende a tese de que fomos nós que, com a mentalidade científica e técnica da modernidade, fizemos da união sexual uma realidade puramente biológica. Na verdade, a fenomenologia das religiões demonstra-nos que a corporeidade humana é toda ela imediatamente significativa do sagrado. Com mais razão se pode fazer tal afirmação quando se trata do Cristianismo.

Centrado no mistério da encarnação, o Cristianismo não menospreza o corpo, mas o inclui em sua reflexão e discurso, e o coloca em lugar proeminente ao refletir e falar sobre o mistério do divino. A experiência da Transcendência no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Portanto, é uma experiência que passa pela corporeidade. Fora deste dado central e indispensável, não há cristianismo.

Nada do que é humano, portanto, é estranho ao divino, segundo o Cristianismo, e toda nova descoberta e nova ênfase do pensar e do falar cristãos em termos de humanidade vêm não ameaçar sua identidade, mas pelo contrário, alimentá-la, nutri-la, fazê-la mais verdadeira. Ao contrário, toda tentativa de escapar e minimizar a corporeidade e a carne, é tentação que descaracteriza a teologia cristã em sua dinâmica histórica e encarnatória.

Por que, então, a penitência e o jejum? Se o cristianismo proclama e constata a redenção da carne, desta carne que foi assumida pelo próprio Deus com todas as suas conseqüências, por que mortificá-la pela penitência, por que frustrá-la pelo jejum e a abstinência?

Mais veementes e instigantes se tornam ainda estas perguntas nos tempos de hoje, em que assistimos a uma verdadeira obsessão pela glorificação do corpo. Nos altares das academias, nas passarelas das pistas de corrida, nos

aparelhos de musculação se edificam músculos perfeitos e ventres lisos e rijos; nas salas de cirurgia plástica se transformam narizes, bocas, queixos e testas com bisturis e injeções de botox; ou se reconstróem corpos inteiros, eliminando gorduras e celulites, subtraindo carne ou acrescentando-a, inserindo seios ou subtraindo-os quando são demasiado fartos. Isso até que as curvas obedeçam ao padrão de perfeição ditado pela moda do momento, sem o qual a beleza não existe ou não satisfaz às expectativas sobre ela lançadas.

A ascese proposta pela Quaresma pretende, na verdade, libertar-nos desta escravidão. Pretende fazer-nos experimentar nossos limites e a verdade de nossa condição humana, que é carente e vulnerável, sente fome, sede, frio e dor. Andando na contramão do hedonismo a que a sociedade instiga, percebemos a dignidade do nosso corpo, que voluntariamente colocamos à prova pelo jejum e a penitência.

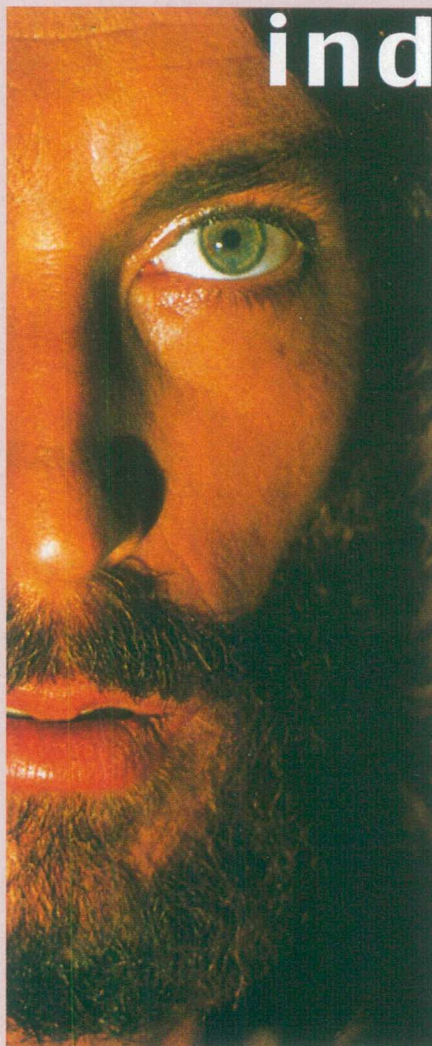
Ajuda-nos a perceber que esse corpo que nos foi dado de graça e por graça é maior do que aquilo a que as academias, ginásios e clínicas estéticas o querem reduzir. Nosso corpo é chamado a ser disponível para louvar, ágil para servir, pronto a curvar-se sobre o que sofre para resgatá-lo e ajudá-lo, aberto para receber menos insumos e alimentos, a fim de que outros possam saciar a fome que lhes devora as entranhas e a vida.

Esse o sentido da ascese, do exercício que a Quaresma nos convida a praticar. Nem de longe se trata de uma tortura ou menosprezo ao corpo, mas de uma proclamação entusiasta daquilo que é sua verdadeira vocação: o serviço, o louvor, o amor.



Carmen Sílvia Machado Galvão é teóloga leiga, escritora e socióloga - csmgal@terra.com.br

Dignos e indignos e uma profunda indignação



Luís Erlin

em alto e bom som: Senhor eu não sou digno de que entreis em minha casa, mas disse uma palavra e serei salvo. Uma ministra da eucaristia, “bem intencionada”, feriu o silêncio: - As pessoas que não são dignas de comungar, por favor, não se aproximem do altar, sobretudo as pessoas que (...). O padre que se preparava para comungar, num impulso disse: — Em solidariedade aos indignos, eu também não comungarei, aqueles que se sentirem dignos, por favor se aproximem... neste dia ninguém comungou.

Esse episódio me fez refletir sobre as relações que Jesus estabeleceu em sua vida pública. O Jesus do Evangelho surpreende a hipocrisia religiosa de seu tempo, na maioria de seus discursos Cristo condena os mestres da Lei, fariseus e doutores por impor fardos pesados aos fiéis, sem se incomodar eles mesmos de os carregar (cf Lc 11,37-54; Mt 23,1-36).

O Jesus do Evangelho senta com os pecadores e faz sua refeição com eles, ou vamos ignorar Zaqueu; Levi, o cobrador de impostos; A Pecadora que lava os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos; Maria Madalena; A Samaritana; a Mulher Adúltera, entre outros. Sem falar do texto que revela o coração do Pai, o Filho Pródigo?

Acredito que o Pão e o Vinho consa-

Esse tema não é simples. Um amigo meu do Paraná contou-me um fato verídico que me fez pensar. Falou que em sua comunidade a missa seguia normalmente, o padre fez a homilia destacando a misericórdia de Deus, o evangelho do dia era da ovelha perdida. Depois que o sacerdote ergueu a hóstia: — Eis o cordeiro de Deus... e a assembléia respondeu

grados se tornam de fato o Cristo: que é o mesmo ontem, hoje e sempre... (Hb 13,8).

Por vezes pecamos, condenando aqueles que de fato precisam encontrar-se com o Senhor. Os chamados "pecadores" nem sempre encontram acolhida em nossas comunidades. Não se converte ninguém pela lei do sarrafo, pelo contrário, só o amor cura e regenera. *Os santos não precisam de médico, mas os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores.* (Mc 2,17)



Nossas assembléias estão repletas de pessoas que se acham melhores do que as outras, mais santas, mais amigas de Deus, mais conhecedoras do Evange-

lho... mais... mais... mais. Pessoas que comungam e ficam ajoelhadas olhando se alguém indigno se aproxima do Senhor. Hipocrisia!

O Cristo do Evangelho mais de uma vez se mostra profundamente indignado com os que se julgam melhores que os outros (cf. Lc 18,9-14).

Todos somos indignos, o que nos torna dignos é a misericórdia infinita de Deus: *Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados.* (Lc 6,36-38).

A Igreja tem normas quanto à participação na Eucaristia, a principal delas diz respeito à consciência daquele que se aproxima para comungar, se a CONSCIÊNCIA PESSOAL acusa o indivíduo, então ELE procurará a reconciliação e a conversão (Cf. Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 37; *Catecismo da Igreja Católica*, 1385). É no segredo da confissão que o penitente é chamado a rever sua vida, não é sendo exposto, humilhado e ridicularizado em público.

Vale lembrar que há casos e casos. É preferível "pecar" pelo excesso de misericórdia que por sua falta.

Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador! (Lc 18,13b).

Luís Erlin, é sacerdote, missionário claretiano
luiserlin@bol.com.br

OPINIÃO DOS LEITORES

Montagner

Paróquia N. Sra. do Rosário - Campinas - SP

Parabéns pelo seu artigo na revista Ave Maria do mês de novembro de 2004, sobre o papel social do cachorro.

Este artigo mostra a realidade dos dias de hoje. Na catequese, iremos fazer uma reflexão sobre o artigo com os pais.

Glaura Maria Lemos - São Paulo, SP.

Oi pe. Luís!

Gostei muito do seu artigo papel social do cachorro. Concordo com o sr. em tudo. Queria muito escrever para o sr. Agora que descobri uma maneira, vou mandar sempre e-mail. Abraços. 17 de novembro de 2004.

Sandra, Midori e Aline - Curitiba, PR.

Pe. Luís Erlin:

Estamos sempre acompanhando seus serviços, através de suas matérias na Revista Ave Maria; gostamos muito do artigo sobre o papel social dos cachorros e concordamos com você. Aprendemos muito também com a página "A Palavra é..."

Educação a distância personalizada

• grupos on-line Internet • grupos off-line Material didático impresso • assistência de professores

Informe-se sobre os cursos oferecidos

www.claretiano.edu.br

0800 34 41 77

cead@claretiano.edu.br

Graduação

Pedagogia - séries iniciais
Pedagogia - administração escolar
Licenciatura em Filosofia
Letras
Licenciatura em Computação

Pós-graduação

Áreas de:
Educação
Educação Física
Administração e Informática
Multidisciplinar

Extensão

Áreas de Educação, Saúde, Administração e Biologia



EAD
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO
Batatais-SP

Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Nossa Senhora de Lourdes

J. B. Libânio

No dia 11 de fevereiro, celebra-se a festa litúrgica de Nossa de Lourdes. As celebrações marianas ondem ao longo do tempo. Ora uma ora outra levantam mais sua cabeça, ocupando o horizonte religioso dos fiéis. Houve momentos em que Nossa Senhora Lourdes nos encheu a fantasia. Os milagres de Lourdes sacudiam os incréus do mundo, deixando-os sem palavra diante das maravilhas que Deus realizava por meio da mãe de seu Filho.

As festas religiosas assemelham-se a um solo antigo que se sedimenta com diferentes camadas geológicas. Os olhos superficiais só vêm a superfície. O olhar do geólogo, aguçado pelos estudos, distingue num corte diagonal as idades das estratificações. Assim uma mirada teológica sobre a festa de Nossa de Lourdes penetra em realidades que nos fazem comungar até mesmo com pessoas que discordam de nossas devoções.

Na origem imediata e menos importante, estão as aparições de Nossa Senhora à adolescente Bernadete Soubirous, de 14 anos, na cidade de Lourdes, França. Foi uma série de 18 aparições que se desenrolaram entre 11 de fevereiro e 16 de julho de 1858. A Virgem apresenta-se como “toda cheia de graça, concebida sem pecado original, pelos méritos de Cristo”.

A beleza do cenário geográfico das aparições encanta os peregrinos de todo o mundo. Pesa muito na atração religiosa de Lourdes a imponente força da natureza. Na nossa maneira humana de falar de Deus, vemos como ele sabe escolher lugares bonitos para tocar os corações de fiéis com a sua graça. Casam em Lourdes a imponência das montanhas com a transparência serena da graça.

Descendo a um nível mais profun-



do, encontramos nas aparições o mistério de Maria em harmonioso jogo com a psicologia da jovem vidente. Se de um lado, as aparições refletem muito o interior, a psicologia, a imaginação de Bernadete, de outro, está no centro teológico a pessoa de Maria que se veste e reveste de tantos títulos. Mas sempre a mesma pessoa. As ladainhas são um resumo gracioso de uma série de títulos e símbolos apostos à pessoa de Maria. Cada um deles traduz-lhe uma faceta. E as aparições geográficas – Lourdes, Fátima, Salette, Aparecida – têm cada uma um tom próprio. Mas mais importante que deter-nos nelas é aproximar-nos da verdade teológica que encerram.

Toda aparição de Nossa Senhora remete a um mistério maior do que ela mesma. É a história da salvação, na qual Maria se situa como um ponto de interseção entre a liberdade humana e os desejos de Deus. O centro da história é a Trindade que no seu desígnio de amor inicia na pessoa do Filho uma aventura de gozo e sofrimento, de morte e res-

surreição. Nada disso aconteceria se não houvesse o toque da acolhida humana. Nesse momento, surge a jovem Maria, que, na sua pequenez e pobreza material, se abre quase até ao infinito para acolher em seu seio a presença misteriosa do Filho de Deus. Doravante ele transitará entre nós sob a mesma forma humana que a nossa. Maria insere Jesus na história, dando-lhe um corpo igual ao nosso em tudo, exceto no pecado, acrescenta São Paulo.

Maria representa toda a humanidade com seu gesto de confiança, de audácia, de fé, de esperança e sobretudo de amor. Como em todo ato de amor, ela se joga num abismo misterioso de incertezas, de obscuridades, de surpresas, de imprevisibilidade. Só ao terminar a vida, ela se deu conta realmente do sentido profundo e pleno do gesto inicial. Assim exatamente como acontece conosco. Entramos na existência sem saber o que nos aguarda ao longo da vida em alegrias e sofrimentos, em dor e gozo, em beleza e tristeza.

Olhar para Maria é reconhecer nossa aventura humana à busca de um sentido último. Em grau menor, experimentamos a mesma percepção, ao depararmos com pessoas extraordinárias. Elas brilham no firmamento de nossa história, acordando o melhor em nós e dando-nos força para superarmos os limites. Aí estão Luther King, Hélder Câmara, d. Romero, Tiradentes, Teresa de Calcutá e tantos outros. E Maria destaca-se entre todos, como estrela de primeira grandeza, cujo brilho até hoje nos fascina. Celebrar a festa de Nossa de Lourdes é também um gesto de humanidade.

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Sexo & Afeto

Frei Betto

A pesquisa da Unesco sobre a sexualidade da juventude brasileira, divulgada este ano, é no mínimo preocupante. Como ressaltou Jorge Werthein, representante do organismo da ONU no Brasil, há aspectos positivos, como o repúdio à promiscuidade e a busca de mais conhecimento sobre a questão. Os jovens brasileiros tendem a iniciar a vida sexual mais cedo (entre 11 e 14 anos) e consideram desimportante a virgindade. Mas nem sempre se protegem contra as DST (doenças sexualmente transmissíveis) e a Aids, e tendem a discriminar os homossexuais.

Ano passado, acompanhei uma pesquisa realizada no Ceará. Indicava o aumento da gravidez precoce e a diminuição dos casos de aborto. As meninas, com certeza induzidas por exemplos televisivos, preferem assumir a "produção independente", ainda que isso implique riscos de abandono da escola, ingresso na prostituição e mais crianças na rua. Na pesquisa da Unesco, 14,7% das entrevistadas admitiram ter engravidado, pela primeira vez, entre 10 e 14 anos.

O Unicef constata que a educação escolar de uma menina vale, na América Latina, em termos de efeitos sociais, pela educação de cinco meninos. Quanto mais escolaridade da mãe, menor o índice de natalidade e maior o período de vida do filho. São as mães que assumem, sempre mais, a chefia da família, e também as principais transmissoras de valores aos filhos.

O que me espanta é que os jovens se queixem de que têm poucas fontes de conhecimento da sexualidade. Só nas últimas décadas as escolas começaram a introduzir o tema na salas de aulas,

assim mesmo com ênfase na higiene corporal, tendo em vista as DST. A família, aos poucos, começa a derrubar tabus, exceto nas classes populares, onde a falta de conhecimento obriga os jovens a aprenderem "na rua", como se dizia na minha geração. Hoje, "aprende-se" na TV. Primeiro, com a exacerbação do voyeurismo, tipo Big Brother. É o bordel despejado, via eletrônica, no quarto das crianças ou na sala da casa. Sem que famílias, escolas e igrejas cuidem da educação do olhar de crianças e jovens.

Em minha adolescência, em Belo Horizonte, havia cine-clubes, onde aprendíamos, nos debates após a exibição dos filmes, a distinguir obras de arte do mero entretenimento. Por que as escolas não exibem vídeosclipes publici-

tários, trechos de filmes e telenovelas, programas humorísticos? Não há melhor caminho para despertar a consciência crítica, o discernimento, que debater em grupo as mensagens implícitas quanto, por exemplo, à dignidade da mulher num quadro de humor ou o fetiche do carro numa peça publicitária.

Os animais têm uma sexualidade atávica, presos a seus ciclos libidinosos. Talvez essa herança instintiva, acrescida de tabus religiosos, nos impeça de falar da sexualidade com a mesma liberdade com que tratamos a geografia e a história do nosso país. E quanto menos se fala, mais bobagem se faz. O melhor seria a TV, com o seu poder de irradiação, entrar em detalhes a respeito de menstruação e masturbação, homossexualismo e machismo, castidade e promiscuidade. Mas nem sempre interessa tratar esses temas às claras. O tabu reforça o mistério, que excita a imaginação, que alimenta o voyeurismo, que atrai milhares de telespectadores à exibição de produtos que imprimem à sexualidade o sabor libidinoso da pornografia. Ao contrário da realidade, a fantasia não conhece limites... E dá-lhe delegacias de mulheres, e a proliferação de assédios e estupros, e o preconceito aos homossexuais.

Suponho que 99% da humanidade case algum dia. Mas tenho certeza de que a grande maioria é obrigada a improvisar nessa opção tão importante. Pois se ainda estamos nos primórdios da educação sexual, falta muito para atingirmos a idade da pedra da educação afetiva. Que eu saiba, uma única instituição se dedica a preparar noivos para o casamento — a Igreja. Fora disso, não há nenhuma didática que sistema-

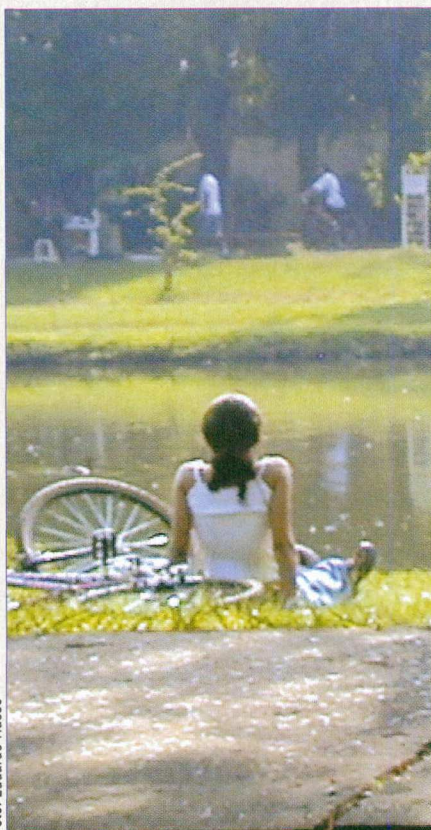


Foto: Eduardo Russo

tize, para proveito alheio, a convivência conjugal, a educação dos filhos, os valores da família, as fases da sexualidade do casal, o modo de dialogar com os filhos sobre vida sexual e afetiva, a descasamento e o recasamento, o universo da homossexualidade, etc. Em consequência, cada um que faça o próprio caminho, à base do improviso, repetindo erros que poderiam ser evitados se houvesse, em nossa sociedade, espaços e recursos de educação para o amor.

Outro dia deparei-me, num hospital público, com uma menina de 13 anos, toda machucada porque havia sido espancada pela mãe. Estava grávida. Isso a mãe aceitou. Mas ficou revoltada quando a menina declarou não saber quem era o pai. Pois havia participado da dança do "trenzinho" num baile funk: rapazes sentados, a braguilha aberta, as garotas sem calcinha pulando de colo em colo...

O que me chocou não foi tanto o ritual orgíaco. Mas a carência, o vazio, a subjetividade inconsútil, a busca desenfreada de afeto reduzida àquela espécie de "roleta russa". Não se trata de imoralidade, e sim de amoralidade, como entre os répteis. Porque estamos começando a ter vergonha de assumir valores, cultivar o espírito e fazer projetos. Nos escombros da modernidade, tudo é aqui-e-agora, *my brother*. E quando o desemprego, o baixo nível da educação, a violência, a desagregação familiar, nos fecham as cortinas do horizonte da felicidade, o jeito é apelar para o prazer imediato, epidérmico, já que a vida se reduz a um jogo de sobrevivência e a morte pode estar nos espreitando na próxima esquina.



Frei Betto é escritor, autor de "Alfabeto - Autobiografia Escolar" (Ática), entre outros livros.

ORAÇÃO, ternura e vigor

Carmen Sílvia Machado Galvão

Ciente das fraquezas e limitações humanas, Jesus ensinou: *Peçam e receberão!* (Lc 11,8). Nas páginas do Antigo Testamento, AT, vamos encontrar o rei Davi dizendo que, *...ninguém que esperou no Senhor foi confundido ou enganado* (Sl 2,1). Isso evidencia a confiança que devemos ter na força e na eficácia da oração, e na misericordiosa vontade que Deus tem de nos atender.

Por que orar ?

Esta pergunta, feita através dos tempos, tem apresentado as mais diversas respostas e produzido as mais desencontradas ressonâncias. As respostas vão desde o irresponsável e ateu "orar é perda de tempo", até o místico "orar é como respirar, comer, viver". Oramos para estabelecer uma comunicação com o Deus Triúno, com a Virgem Maria, com o santos de nossa devoção e com os anjos que nos protegem. Ao dizer: *Sem mim vocês nada podem fazer!*, Jesus quis mostrar que é inútil querer estruturar alguma coisa na vida, seja espiritual seja material, sem a presença e o apoio de Deus. No AT, o salmista cantava: *Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os operários; se o Senhor não cuidar da cidade, debalde vigiam as sentinelas* (Sl 127,1s).

Oração, sinal de fé

Oração é encontro com Deus; é um convívio amoroso e confiante com a Santíssima Trindade. É, sobretudo, um



gesto de entrega, fé, humildade, escuta e compromisso. Um espírito aberto às maravilhas de Deus aproveita o silêncio dos momentos de meditação e oração, para ouvir a voz do Pai. E por que as pessoas rezam tão pouco, hoje em dia? Nosso mundo, temos que convir, é muito materialista. As pessoas pensam mais nas coisas materiais, como o dinheiro, os bens, os compromissos sociais, o status, os prazeres. *Onde está o teu tesouro, está o teu coração* (Mt 6, 21) diz Jesus. Pois quando nosso tesouro passa a residir nas coisas materiais, fúteis e supérfluas da vida humana, aos poucos estas coisas vão se tornando divindade, e nós vamos deixando Deus de lado. Ora, se eu tenho um deus (ou vários deuses) que é minha posição social, meu automóvel novo, meu apartamento luxuoso, minha casa na praia, minha sabedoria, meus cursos, e isso me basta, que necessidade eu tenho de outro deus?

E assim vamos nos afastando, deixando a oração em segundo plano, até que um fato fortuito da vida, nos faça ver que aqueles deuses de nada adiantam.

A oração tem poder?

Para que nossa oração não seja um simples “guarda-chuva” (a gente só abre na hora da necessidade), é preciso que ela se torne parte integrante de nossas práticas de vida, e um sinal de nossa fé. É um equívoco falar sobre “o poder da oração”. A oração, por si mesma não tem poder nenhum. Quem tem poder é Deus, ao qual, pela fé, acessamos através da oração. Se a oração tivesse um poder isolado, fora de Deus, ela seria uma mera superstição. Há pessoas que se queixam que a distração as faz perder o rumo, durante a oração. A distração é uma contingência humana, e não nos deve assustar muito. Ela acontece. Entretanto, para que se possa orar caindo o mínimo possível em distrações, é importante que a gente se coloque “em espírito de oração”. O que é esse espírito de oração? Colocar-se em espírito de oração é procurar esvaziar-se das preocupações, dores, sobressaltos e dúvidas. Espírito de oração é a criação de um espaço interior onde Deus vem habitar. Espírito de oração é um estado de imperturbabilidade em que o orante assume uma sintonia com Deus que nada pode atrapalhar. Ah! dirão, é difícil! É, na verdade, é difícil, mas não impossível, e exige prática, treino, sequência, perseverança. Lutero, considerado pelos protestantes como um mestre de oração, dizia que, quanto mais coisas tinha para fazer, mas tempo aranjava para a oração, e melhor capacidade tinha em desligar-se.

Orar é comprometer-se

E junto com a fé são necessários também a confiança, a disponibilidade, o momento adequado para orar, a simplicidade, a perseverança. E com isto, deve

acontecer, em paralelo, o compromisso, a compatibilidade entre as palavras que estamos orando e os gestos de nossa vida concreta pois, como sabemos, fé subentende sempre um compromisso com o outro. Por esta razão a oração deve revestir-se de um senso crítico. Ela é expressão de fé e compromisso? Fora disso ela pode estar derivando para o terreno do costume e da alienação. Às vezes, ela pode até ser uma demonstração de nosso narcisismo.

Por que rezamos?

Rezamos para agradecer, para pedir perdão, por nossas necessidades pessoais, para nos mostrar disponíveis e atentos, para dar graças a Deus, para louvar o Pai e Criador. Oramos para nos tornar melhores do que somos. A oração conduz à santidade e à disciplina interior. Ensinando-nos a buscar essa santidade, o apóstolo Paulo recomenda: *Orem sem cessar!* (1Ts 5,17). É salutar orar em qualquer momento e circunstância da vida: nas alegrias, nas tristezas, na dúvida; nas horas vagas, antes de dormir, ao acordar, nos momentos de espera, às refeições, em visitas ao Sacrário, na Santa Missa.

Individual ou comunitária?

Uma certa crise na oração individual originou-se de um interpretação equivo-

cada, na qual só a oração comunitária teria valor. Ambas são válidas e igualmente importantes. A oração individual pode ser levada a efeito em qualquer lugar, em casa, a caminho, no trabalho, em viagem, deitado. A oração comunitária ou coletiva, é aquela levada a efeito em família, nas liturgias, nos grupos de reflexão.

Canal aberto com Deus

Orar é comunicar-se com Deus. É falar com ele e, no silêncio, ouvi-lo, amando-o. A oração é como um diálogo carinhoso e simples que mantemos com nosso pai ou nossa mãe ou nosso irmão. A oração foi uma constante na vida dos santos.

“A oração é a âncora na tempestade, o tesouro dos pobres, o remédio dos doentes” (*São João Crisóstomo*).

“O homem, fraco como é, não pode observar certos mandamentos, mas com o auxílio especial da oração, ele pode suportar as tentações e superar suas fraquezas. A oração é uma chave que abre as portas do céu” (*Santo Agostinho*).

“Quem somos nós, ou qual a força que temos para resistir aos perigos do mundo? Só a oração a Deus pode nos livrar dos perigos” (*São Bernardo*).

“Quem sabe orar, sabe viver” (*Santo Tomás de Aquino*).

“Quem reza se salva. Quem não reza, certamente se condena” (*Santo Afonso de Ligório*).

“A oração é necessária, não para que Deus conheça as nossas necessidades, mas para que nós fiquemos conhecendo a necessidade que temos de recorrer a ele, para receber, oportunamente, os socorros da salvação” (*São Boaventura*).

“Nós somos pobres, muito pobres! A oração é o alimento da nossa alma” (*Santa Teresa*).

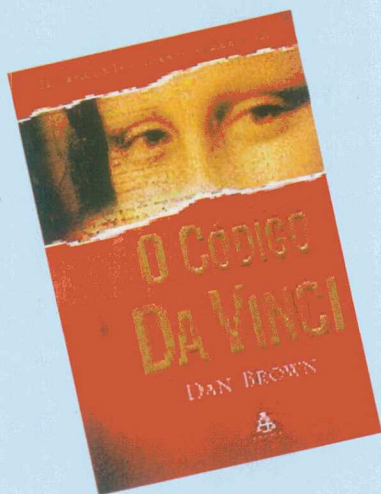


Maria Clara Lucchetti Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura. www.users.rdc.puc-rio.br/agape



“Código da Vinci”

Uma visão do Padre Zezinho



É um livro e está vendendo mais do que sorvete no verão. Por ossos do ofício de professor e escritor católico, li o livro e três outros sobre ele, dois contra e um a favor. O escritor inglês, de menos de 40 anos, Dan Brown conseguiu o que todo o escritor sonha. Chegou lá. Suscitou polêmica e está vendendo a rodo. Não importa quantos livros se escreverão contra o dele, marcou seus pontos. É do seu livro que o mundo vai falar por muito tempo.

Priorado de Sião, Leonardo Da Vinci e seu quadro A Última Ceia, Madalena e Jesus, Dinastia Merovíngia, Santo Graal, Cavaleiros Templários, Opus Dei, tudo isso, para quem estudou *Bíblia*, História e Literatura, parece mais uma sopa destemperada de ingredientes picantes do que alimento para a alma ou para a cultura. Dan Brown ousou e sua ousadia deu certo. Não veio explicar e sim confundir e provocar. Conseguiu.

- Há um tipo de católico que nunca leu nenhuma biografia de santo, nenhum documento oficial, não leu nenhuma encíclica de qualquer papa que fosse, jamais abriu o catecismo, não leu nem lê a *Bíblia*, não assina revistas católicas, não vê programas católicos, mas quando vê o tal livro que diz que Jesus casou com Madalena e que

existe um tal cálice sagrado em algum lugar do Planeta, vai, compra, lê e concorda e passa a defender o escritor. Nunca quis saber do resto, e teria dificuldade de lembrar os rudimentos do catecismo de sua primeira comunhão, mas fala do livro como se, agora, sim, a verdade tivesse aparecido. Não pode ser levado a sério. Afirma-se, mas não é católico.

- Há outro que sabe religião, mas também não tem visão abrangente da fé. Ficou na sua fé tangencial ligada a determinado movimento e também ele não lê História, nem Dogmas, nem Moral Católica, nem leu as encíclicas nem conhece o pensamento da Igreja. Limita-se aos livros de piedade do seu movimento. Ele descarta o livro com palavras nada agradáveis e o picha sem nunca ter lido. E não lê, porque seu mentor disse que o livro é do demônio

e dele não deve ser lido por um católico. Se não leu, não deveria falar do que não conhece.

- Há o outro que conhece os principais livros do catolicismo e tem uma noção bem clara dos acertos e erros dos católicos. O livro de Dan Brown não o assusta e em muitos casos até leva ao riso. Dan Brown inventa fatos para provocar a autoridade da Igreja Católica, como o comediante inventa piadas para rir da autoridade do seu país. Dan Brown não é sério. Passa pela História como o falso entomólogo que foi procurar um tipo de inseto e, não o achando, descreve os bichinhos que achou parecidos com o seu inseto como se fossem ele. E daí? Afinal, 99 entre 100 leitores não irão consultar nem verificar se é verdade o que ele afirma em forma de narrativa exótica e esotérica.

- Além deles, há o evangélico sereno que também ri do livro e também o seu irmão mais aguerrido que acha Dan Brown maravilhoso porque afinal desmascara a Igreja Católica. Se fosse um livro contra a sua Igreja, ele não leria e o proclamaria do diabo, mas como é contra os católicos ele lê e confirma, sem também se dar ao trabalho de consultar os fatos.

Diante desse tipo de livros, que contestam os papas, a Igreja Católica, e os vinte séculos de história de Cristo e dos cristãos a maioria dos leitores em geral não procura explicação. Vale pela contestação. Finalmente, alguém está pondo os pingos nos is. Só que tem que não é pingo, nem os colocou nos is e sim onde lhe interessou colocar.

Como sacerdote católico sei que



minha Igreja teve pessoas, atitudes e situações altamente condenáveis e questionáveis no passado. Mas teve também muitos grandes santos e grandes santas que não aparecem como tais no sectário livro de Dan Brown. Desafio qualquer religião com tanto tempo de existência, que não passe ou não venha a passar por isso, posto que religiões não são feitas de anjos. Outros santos de outras religiões também mandaram matar e massacrar em nome de Deus. Quem leu o Antigo Testamento e o *Alcorão* sabe onde e quem defendeu a violência contra gente de outras religiões, ou contra os que erraram.

O escritor Dan Brown lança suspeitas, não prova e não se explica. Afinal, ele não veio para isso. É um escritor que pesca diamantes em águas turvas. Suja a água e espera que as pessoas venham procurar com ele as verdades escondidas naquelas águas turvas. O ingresso é o preço do seu livro. Eles ficam com as discussões e as dúvidas e o jovem Mister Brown com o lucro. Afinal, não é o

primeiro, nem será o último livro dele. Tem cultura suficiente para abordar qualquer assunto e misturar os fatos como alguém embaralha cartas. Quem não conhece baralho, cai no seu truque. Quem leu os mesmos livros que ele leu e os que ele nunca leu, nem lerá, sabe com quem esta lidando.

Ele chega aos 40 anos como um fenômeno de mercado, consagrando-se como mestre da controvérsia. Que os outros provem que ele está errado. Ele provou que sabe vender livros e semear dú-

vidas. Tem milhares de religiosos que o

odeiam, sem jamais ter lido seus livros, e milhares de leitores que o admiram e que jamais lerão os livros que ele deturpou. Papel aceita tudo. Livrarias e editoras, não. Elas só aceitam o livro que vende, mesmo que minta e deturpe... Provavelmente vai virar filme. E as caixas registradoras outra vez tilintarão. Outra vez, muita gente vai discutir sobre o que não leu, não viu e não pesquisou, mas aceita porque Dan Brown falou que é! Seu livro deu certo e ele virou um ídolo porque ousou questionar. Mas aí de quem questioná-lo! As pessoas vão continuar acreditando que quem vende milhões de livros está certo e quem nunca escreveu nem vendeu está errado. Vale a quantidade e o sucesso, não necessariamente a verdade! É o tipo de sociedade que criamos. Vale mais o grau de exposição na mídia do que o conteúdo! É... Pois!



Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

“Meu espírito é para todo o mundo”

Santo Antonio Maria Claret



Missionários Claretianos
A serviço da Palavra

Venha nos conhecer

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Av. Francisco José C. de Andrade, 535
Jd. Chapadão - CEP 13070-550 - Campinas - SP
Tel.: (19) 3242-2258 - (19) 9694-2745 (Pe. Maurício)
email: pemaucio@mpc.com.br
Procuradoria Missionária - (19) 9601-8046 (Pe. Irio)

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Rua Bueno Brandão, 495 - Caixa Postal: 115
CEP 37550-000 - Pouso Alegre - MG
Tel.: (35) 3421-1108
email: curiabc@uai.com.br

CENTRO “Pe. JAIME CLOTET”
Rua Pinheiro Machado, 245
La Salle - Caixa Postal: 412
CEP 85501-970 - Pato Branco - PR
Tel.: (46) 224-4129
email: luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Manoel Moura, 46 - Trapiche da Barra
CEP 57011-100 - Maceió - AL
email: berinocmf@zipmail.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Bahia, 984 - Centro
Caixa Postal: 41 - CEP 78630-000
Campinápolis - MT
Tel.: (66) 437-1106

PARÓQUIA NSA. SRA. DE ABADIA
Pça. Laurentino M. Rodrigues, s/n
Caixa Postal: 23 - CEP 76380-000
Goianésia - GO - Tel.: (62) 353-1402

www.claretianos.com.br/pjv

Comunicação e palavras de QUALIDADE

Francisco Gomes de Matos

Desde o início da década de 90 venho dedicando boa parte de minha atividade profissional ao ensino e à pesquisa na área da Comunicação Pacífica. Assim, em 1996, a Editora da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE (Recife), publicou, de minha autoria, *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em português* e, em 2002, a Editora Ave Maria (SP), publicou *Comunicar para o Bem. Rumo à paz comunicativa*.

A partir do início deste século, venho ministrando cursos intensivos e orientando oficinas pedagógicas sobre o uso de vocabulário humanizador em Português. No caso, trata-se de ajudar usuários do idioma a perceber como o Banco de Palavras de cada pessoa pode estar a serviço de uma comunicação construtiva, para o bem. Um dos conceitos-chave, nessa orientação, diz respeito ao que chamo de positivadores, palavras que designam ações e qualidades positivas. Recentemente, ao interagir com alunos do Curso de Especialização em Tradução Inglês-Português, na UFPE, me referi ao desafio de traduzir palavras denotativas de qualidades humanas e mencionei que o renomado especialista britânico Peter Newmark – autor de livros na área de Estudos Tradutórios – faz comentários sobre a

Vivemos numa época em que cada vez mais se enfatiza a qualidade de vida, mas o que estaremos fazendo para otimizar nosso convívio comunicativo com “o próximo”? Precisamos saber tratar e retratar as pessoas com dignidade e para isso, as palavras que usamos têm importância mais que estratégica: podem ser promotoras de qualidades humanas profundas: espirituais, éticas, morais, sociais... e, claro, comunicativas.



referida problemática (como traduzir palavras referentes a qualidades (mo-

rais, por exemplo). Assim, em seu capítulo: *No global communication without translation* (Não há comunicação mundial sem tradução) no volume *Translation Today. Trends and Perspectives* (A Tradução Hoje. Tendências e Perspectivas), da editora Multilingual Matters, 2002, o referido autor comenta que as palavras de qualidade se dispõem num *continuum* de atitudes que vão de positivas a negativas. Destaco outro comentário desse inspirador tradutólogo: a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) é um repositório de palavras denotativas de qualidades morais (“livres e iguais em dignidade e direitos”).

Em minha disciplina Comunicação Construtiva, ministrada no Curso de Policiamento Comunitário, no Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da UFPE, costumo sensibilizar as turmas a respeito da relação entre comunicação e palavras de qualidade, através destas perguntas-chave:

1) A que tipo de comunicação podem referir-se estes adjetivos: caluniosa, cáustica, contundente, cortante, covarde, cruel...?

2) A que tipo de comunicação poderiam relacionar-se estes adjetivos: calma, caridosa, carinhosa, cordata, compassiva, conciliadora, confortadora, consoladora, compreensível, contrita, cordial, cortês...?

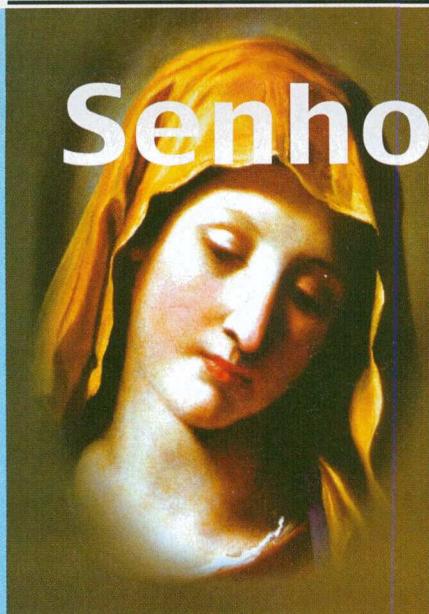
Peço aos alunos que usem um rótulo, genérico, para cada tipo de comunicação acima.

Prontamente os alunos dizem: comunicação negativa e comunicação positiva.

Aproveito a oportunidade para

Senhora da Fé

Roque Vicente Beraldi




desafiá-los a ampliar a lista de adjetivos que traduzem qualidades humanas positivas, iniciados com a letra C e, em seguida, com outras letras. Assim, a lista de adjetivos positivos se amplia consideravelmente, nela aparecendo: paciente, pacífico, prudente, prestativo(a), perseverante, etc.

Aos alunos policiais, pergunto sempre: quais as palavras de qualidade principais na comunicação com os outros cidadãos. Respostas freqüentes (adjetivos): calma, corajosa, cordial...

E para você, leitor(a): como está seu estoque de palavras de qualidade? Tem sabido usá-las com espírito cristão, ao referir-se a pessoas, grupos, comunidades, instituições? Em que situações de sua vida comunicativa você tem sido compassivo(a)? Como sua compaixão se manifesta, através do uso da língua portuguesa? E sua capacidade conciliadora, de contribuir para a construção de harmonia, paz comunicativa, como prefiro chamar?

Vivemos numa época em que cada vez mais se enfatiza a qualidade de vida, mas o que estaremos fazendo para otimizar nosso convívio comunicativo com “o próximo”? Precisamos saber tratar e retratar as pessoas com dignidade e para isso, as palavras que usamos têm importância mais que estratégica: podem ser promotoras de qualidades humanas profundas: espirituais, éticas, morais, sociais... e, claro, comunicativas.

Como fazê-lo? Indo além do comunicar bem, caminhando, confiantes, na estrada do comunicar para o bem da humanidade. 

Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

O *Catecismo da Igreja Católica*, esclarece: “Pela fé, o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. Com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento a Deus revelador” (nº 143). Adesão do entendimento a uma verdade revelada, pela autoridade do testemunho de Deus. Esta é a definição da primeira das virtudes teologais. Notemos, dois elementos: a matéria da fé, que deve ser uma verdade revelada e o motivo específico da mesma, testemunho infalível de Deus.

A fé é a virtude fundamental do cristianismo. É conhecimento e luz sobrenatural com que, sem ver, cremos no que Deus diz e a Igreja nos propõe.

Ninguém mais do que Maria assentiu à revelação de Deus. Ainda o *Catecismo da Igreja Católica* lembra: “A Virgem Maria realiza da maneira mais perfeita a obediência da fé. Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazida pelo anjo Gabriel acreditando que *nada é impossível a Deus* (Lc 1,37), e dando seu assentimento: *Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1,38)...” Durante toda a sua vida, e até a última provação, quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, sua fé não vacilou. Maria não cessou de crer “no cumprimento” da palavra de Deus. Por isso a Igreja venera em Maria a rea-

lização mais pura da fé.. Pelo exemplo que Maria dá ao mundo, é que o povo fiel lhe aplica o belo título de Nossa Senhora da Fé. Confirmam-no as igrejas dedicadas a ela na França, Bélgica, Itália, Portugal e no Brasil.

Os jesuítas tornaram-se grandes divulgadores da devoção a Maria, sob o título de N. Sra. da Fé. Em 1644, na capela da comunidade jesuítica de Salvador, havia uma imagem assim denominada. Era um ícone esculpido em madeira, com cerca de 1,20m toda revestida de prata. Hoje, infelizmente, está desaparecida.

Na sacristia da Catedral, da Basílica de Salvador há uma imagem de N. Sra. da Fé, trazida de Portugal, em 1608.

Na oratório denominado de São José dos Carpinteiros, em Lisboa, há também uma linda imagem de N. Sra. da Fé.

Na arquidiocese de Braga, no país luso, encontra-se um santuário dedicado a N. Sra. da Fé. Seus habitantes piedosamente a ela recorrem nos momentos mais amargos da sua vida. Na mesma arquidiocese, no povoado de Pinheiro, há uma capela do mesmo nome. Na paróquia de Vilarinho de Castanheira, também se diz que houve uma antiga capela da qual era titular, N. Sra. da Fé.

ORAÇÃO

Maria, Nossa Senhora da Fé, assim como os Apóstolos disseram a Jesus *umenta-nos a fé* (Lc, 17,5) renovamos este pedido para que, por vossa intercessão a nossa fé seja ao menos como o grão de mostarda e possamos merecer as graças de amar-vos e convosco amar a Deus e servi-lo para sempre. Amém.

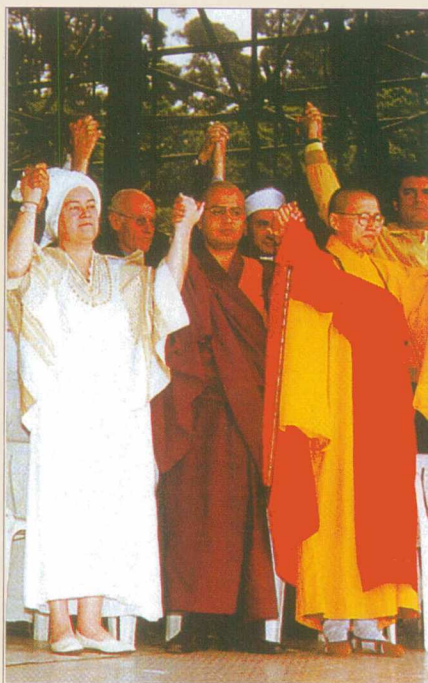
Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

TODOS são escolhi

José María Vigil

Desde abril de 2003, vimos considerando a realidade histórica e atual da Igreja Católica, sob o prisma do Pluralismo Religioso. Para isto, recorreremos à interpretação de fatos, examinando-os e buscando seu exato significado. Na edição passada, entramos no tema-base da Teologia das Religiões, que filtra e condiciona todo seu conteúdo: o conceito de revelação, pano de fundo de toda nossa catequese.

Agora, estamos aptos a entrar de cheio no 'coração' mesmo da Teologia das Religiões, em seu núcleo central: Pluralismo Religioso não é negativo. Não é um Pluralismo só de fato, mas de "direito".



O Pluralismo Religioso é positivo, querido por Deus

O que nos foi ensinado, durante nossa formação religiosa, sobre o fato de haver outras religiões? Talvez muitos de nós se lembrem de que praticamente nada, ao menos de modo explícito. O assunto não figurava nos temas de formação, não fazia parte das preocupações teológicas daquela época.

Mas, rebuscando nossas lembranças, talvez possamos descobrir que sim, disseram-nos mais coisas, ao mesmo implicitamente. De uma maneira ou de outra, todos aprendemos que as outras religiões não tinham muita importância. Podia-se caminhar pela vida toda

sem saber grandes coisas sobre elas. Diríamos que não tinham muito significado religioso, apesar de serem religiões e, algumas delas, grandes religiões.

Certamente não se desconheciam o fato mesmo de elas existirem, mas diríamos que era um dado externo à nossa religião cristã. Se o acesso a Deus por parte do ser humano se veiculava através da religião que o próprio Deus havia revelado à humanidade por meio de seu próprio Filho Jesus, que sentido tinham as outras religiões? Como explicar que aquelas massas humanas tivessem ficado "fora" do (único) "plano divino de salvação", que não participassem da religião única, a religião oferecida à Humanidade pelo próprio Deus, a religião cristã?

O pluralismo religioso, a pluralidade de religiões era considerada negati-

vamente. Era uma misteriosa 'falha' do plano de Deus. Ou uma falha tolerada por ele talvez para nos provar, pois Deus nos havia mandado levar a salvação cristã àqueles povos. O fato de haver pluralidade de religiões era, portanto, uma situação temporária, fadada a desaparecer diante da expansão do cristianismo pela atividade missionária.

Em resumo, o Pluralismo Religioso era pois uma fato negativo, lamentável, não querido por Deus, talvez simplesmente tolerado, transitório, e portanto chamado a desaparecer, o mais depressa possível. Se ainda não tinha desaparecido era pela deficiência de nosso espírito missionário.

(Não vamos agora avaliar o que a tradição judaica-cristã considerou ao longo de sua história a respeito dessas religiões que compunham o bloco do Pluralismo Religioso. Primitivamente, pensou-se que as religiões eram próprias de cada lugar, como seus deuses próprios, vinculados à terra e com jurisdição localizada geograficamente...¹ Outras vezes — durante muito tempo — os deuses de outras religiões foram considerados diabólicos, ídolos, deuses falsos, vaidade, causa de todo mal...²).

Nova avaliação do Pluralismo Religioso

Falamos em edições anteriores desta novidade: uma nova etapa das relações entre as religiões, um novo espírito e uma valorização positiva cristã das religiões.

Passemos a nos expressar assim: este Pluralismo Religioso passou:

dos por Deus

- de ser considerado negativo >>> **a ser considerado positivo;**
- de pluralismo de fato >>> **a pluralismo de direito, de princípio;**
- de pluralismo sem sentido, lamentável >>> **a pluralismo com um papel⁴ no plano de Deus;**
- de pluralismo que há de ser reduzido à unidade >>> **a pluralismo que não deve ser combatido;**
- de pluralismo temporal, provisório >>> **a pluralismo talvez para sempre...**

Aquela antiga visão inconsciente, nunca expressada do Pluralismo Religioso como negativo, sem sentido, chamado a desaparecer... começou a mudar. O povo cristão passou a perceber que o Pluralismo Religioso é positivo, querido por Deus!

Que motivos fundamentam esta nova avaliação positiva? Podemos agrupá-los em quatro frentes:


a) nova imagem de Deus: não é concebível que Deus tenha deixado imensa parte da humanidade sem atenção,

entregue à própria iniciativa de salvação, sem “Ihe sair ao encontro”, deixando-a abandonada, à espera de que Ihe chegue a ação missionária da Igreja Católica...;

b) nova imagem da revelação⁵: esta não é uma ação de Deus, limitada à sua relação com um único povo, mas é um processo ligado à existência de todos os seres humanos e de todos os povos, cuja realidade histórica se converte em revelação⁶;

c) nova imagem do ser humano: agora compreendemos muito melhor a natureza sócio-cultural do ser humano, e como por isso Deus se relaciona com ele necessariamente através de uma forma de “assembléia” que, dentro de sua própria cultura somente pode ser veiculada por sua religião; todo ser humano, todo povo, está em condições de receber a ação revelatória de Deus, porque “todo ser humano está elevado à ordem da salvação”...⁷

d) Nova imagem do cristianismo: Visto, nesta nova época da história, confrontado como nunca antes⁸ com sua própria limitação diante de sua pretensão de universalidade.⁹ Depois de ter passado por épocas históricas nas quais acreditava já ter pregado a mensagem cristã a todo o mundo habitado,¹⁰ agora parece estar descobrindo que sua limitação numérica

é insuperável, e que a ação missionária destinada à conversão do mundo, nesse sentido, foi um fracasso...¹¹ 

Notas bibliográficas:

1 MENEZES, Rui de. *Pluralismo religioso en el Antiguo Testamento*, “Selecciones de Teología” 163 (set./2002) 178-179.

2 TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões. Uma visão panorâmica*, Paulinas, São Paulo, 1995, pp. 15-16, apresenta uma breve síntese dessa avaliação negativa tão frequente.

3 VIGIL, J. M. *Espiritualidad del pluralismo religioso*, in COMISIÓN TEOLÓGICA de la ASETT-LA, *Por los muchos caminos de Dios. Desafíos del pluralismo religioso a la teología de la liberación*, Verbo Divino, Quito, 2003. ID, *Macroecumenismo: teología de las religiones latinoamericana*, in ASETT, *Hacia una teología e la liberación pluralista*, Verbo Divino, Quito, 2004, “Colección Tiempo Axial” n° 3.

4 Um pluralismo que tem uma específica “razão de ser”, dirá C. GEFFRÉ, *La singularità del cristianismo nell’età del pluralismo religioso*, in “Filosofia e teologia” 6/1 (1992) 38-58. Citado por DUPUIS, *Verso una teologia*, 19. Uma pluralidade “que teve seu lugar no designio de Deus para a salvação da humanidade”, dirá por sua parte DUPUIS, *ibid.* 271.

5 Este assunto foi tratado nas edições de setembro, outubro e novembro de 2004 da revista *Ave Maria*.

6 TORRES QUEIRUGA, A. *La revelación de Dios en la realización del hombre*, Crisandad, Madrid, 1987, 466.

7 CASALDÁLIGA-VIGIL. *Espiritualidad de la liberación*, Envío, Manáguá, 1992, 33ss; *Sal Terrae* 1992, 34ss; *Espiritualidade da Libertação*, Vozes, Petrópolis, 1996, 31ss.

8 “Uma tal situação nunca existiu antes na história”: P.BERGER. *The Heretical Imperative*, New York, 1979, 35.

9 TORRES QUEIRUGA, A. *Ibid.*, 335.

10 Assim se chegou a pensar de fato já desde o tempo de Santo Agostinho: “Pelo que se diz, são já pouquíssimos e muito remotos os povos aos quais o Evangelho ainda não tenha sido anunciado”. Santo AGOSTINHO. *De Natura et Gratia*, II, 2; PL 44,905.

11 DUPUIS falará da “falência das missões cristãs”: *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*, Queriniana, Brescia, 1997, 518. Do ponto de vista humano, é preciso reconhecer que historicamente vivemos a experiência de um pluralismo religioso aparentemente insuperável. Isto coincide com a consciência de um certo fracasso da missão da Igreja, sobretudo quando se pensa no pequeno número de cristãos do continente asiático. GEFFRÉ, C. *O lugar das religiões no plano da salvação*, in TEIXEIRA, org., *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. Paulinas, SP-1997, p. 112.

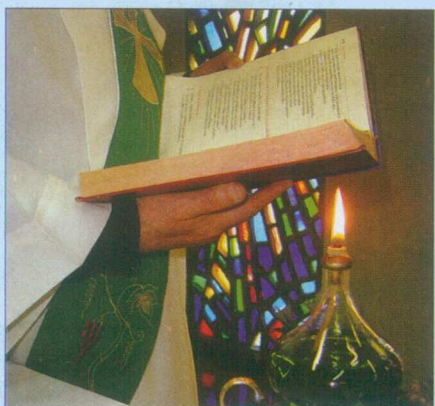
José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da *Agenda Latino-americana-mundial*. <http://servicioskoionia.org/agenda>



A palavra é...

Elaborado por Luís Erlin

Nesta seção, o leitor encontrará a explicação de palavras empregadas nas celebrações litúrgicas. Se desejar, escreva-nos, solicitando o significado de algum outro termo.



Vinda do latim *homilia*, é uma categoria da oratória sagrada. A homilia serve para explicar de forma simples e clara a Liturgia da Palavra (sobretudo o Evangelho) do dia. A explanação e atualização das leituras bíblicas devem exortar os fiéis à vivência dos valores evangélicos.

HOMILIA

A homilia se dirige principalmente ao coração, e era o gênero de pregação mais conveniente nos primeiros séculos. (*Dicionário de Ciências Eclesiásticas*).

Falar ao coração é o grande desafio.

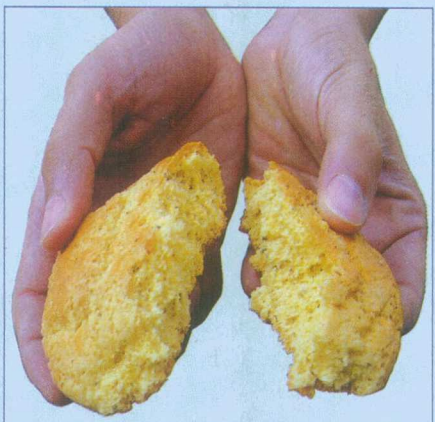
Constantemente encontramos pessoas insatisfeitas com as homilias desse ou daquele padre. Com a graça de Deus, nossas assembleias são mais participativas e exigentes, não é qualquer “conto do vigário” que toca os ouvintes. Assim, vê-se a necessidade de intensificar a formação do sacerdote. Dentro da teologia, existe até uma matéria exclusiva sobre esse tema, a *homilética*.

Estudiosos recomendam que a

homilia não pode passar de dez minutos. Que assim seja!

A homilia deve levar o fiel a assimilar a liturgia da palavra, não é a hora do padre dar avisos, de rezar o terço, de falar do bingo, da reforma da igreja, etc. É o momento em que a palavra de Deus deve ser encarnada na vida de cada ouvinte.

“Que o estudo das sagradas Páginas seja como que a alma da Sagrada Teologia. Da mesma palavra da sagrada escritura também se nutre salutar e santamente floresce o mistério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual deve ocupar lugar de destaque a homilia litúrgica” (*Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, do Concílio Vaticano II - 24*).



“Crede” vem do latim e significa: creio, acredito, acato, adivo. Oração em que o fiel cristão expressa sua profissão de fé, dizendo publicamente que crê. Engana-se quem imagina que essa oração foi composta para ser rezada na missa. Matias Augé (1932), liturgista, expli-

CREDO

ca a origem do Creio: No começo foi usado na liturgia batismal de Jerusalém. O seu texto tem origem no Concílio de Calcedônia (451), que o considerou um resumo da fé proposta e professada pelos concílios anteriores de Nicéia (325) e de Constantinopla I (381). Por isso é chamado de “símbolo niceno-constantinopolitano” (...) foi utilizado pela primeira vez na missa em Constantinopla no começo do século VI.

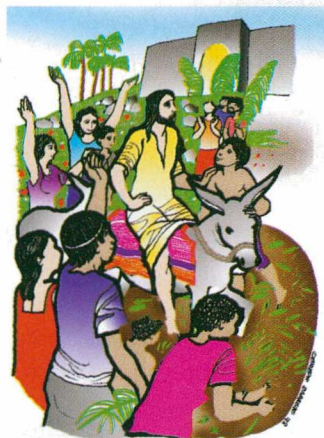
Antes do caráter litúrgico o Creio, foi compilado para defender a fé contra as heresias.

Com o passar do tempo, essa oração foi incorporada à celebração litúr-

gica da missa e adquiriu um sentido próprio, ou seja, uma resposta consciente de fé logo após as leituras bíblicas e a homilia.

A oração do Creio é uma proclamação pessoal da fé, ninguém pode professar a fé por outro... *Eu creio!*

Esse símbolo de fé não foi elaborado segundo as opiniões humanas, mas da Escritura inteira recolheu-se o que existia de mais importante, para dar, na sua totalidade, a única doutrina da fé. E assim, como a semente de mostarda contém em um pequeníssimo grão um grande número de ramos, da mesma forma esse resumo da fé encerra em algumas palavras todo o conhecimento da verdadeira piedade contida no Antigo e no Novo Testamento (*S. Cirilo de Jerusalém*).



Por que me abandonaste?

Domingo de Ramos
20 de março

INTRODUÇÃO

Jesus reza na cruz: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*... que são as palavras iniciais do Salmo 21. Sua humildade tornou agradável ao Pai sua oração. A tristeza inicial deu lugar à firme esperança na intervenção de Deus.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 50,4-7

Os profetas lembram freqüentemente que Deus só aceita as ofertas e sacrifícios se forem acompanhados de uma atitude interior de humildade, de oferta espiritual de nós mesmos.

Devemos reconhecer nossa completa pobreza interior e a necessidade de uma libertação do orgulho que nós, sozinhos, não obtemos, mas que podemos invocar e esperar de Deus.

Enviado para nos salvar, nosso Salvador suportou perseguições e ultrajes. Aceitou-os, entretanto, com paciência e mansidão, pondo em Deus sua esperança inabalável.

Conseguida numa só vez por Jesus,

nossa salvação se aplica, cada dia, em nossas vidas. Compete-nos vivenciá-la, oferecendo nosso trabalho, nossas fraquezas e misérias ao Deus misericordioso.

Para meditação: Salmo 21,8-9.17-18a.19-20.23-24 (*Refrão: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*). A Paixão de Jesus, tal como é narrada nos evangelhos, é lição de vida nova e esperança.

2ª leitura: Filipenses 2,6-11

Para que reine a humildade, o amor e a concórdia entre nós e nossos irmãos é necessário termos os mesmos sentimentos que Jesus Cristo (cf. 2,1-5).

Depois dessa introdução, e sob essa luz, Paulo descreve o aniquilamento do Filho de Deus. Reflete que, como verdadeiro Servo sofredor, viveu a nossa experiência humana até a morte. Deus recompensou sua fidelidade, glorificou-o e o fez Senhor.

Não planejou a própria vida como um bem pessoal para administrá-la para sua própria vaidade e interesse, mas a doou para o serviço dos outros, renunciando a todas as formas de poder.

Paulo fez essas considerações aos filipenses porque havia inveja entre eles e havia quem quisesse mandar nos outros. Alguns achavam-se superiores aos demais e pretendiam ser nomeados como chefes de algum ministério.

Que resposta receberá de nós nestes dias esta imagem de Jesus, como humilde servo dos irmãos, nos quais celebramos seu rebaixamento mais profundo (a morte) e o máximo da sua glorificação (a ressurreição)?

Aclamação ao Evangelho (Filipenses 2,8-9): Louvor a vós, ó Cristo, rei da eterna glória. *Cristo se fez por nós obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo nome.* Louvor a vós, ó Cristo, rei da eterna glória.

Evangelho: Mateus 26,14 — 27,66


O primeiro fato a ser escrito pelos evangelistas foi a paixão e a morte de Jesus. Assim fez também Mateus, mas, como se dirigia principalmente aos judeus, chamou a atenção para o fato de que tudo o que tinha acontecido a Jesus tinha sido previsto, antes, pelos profetas.

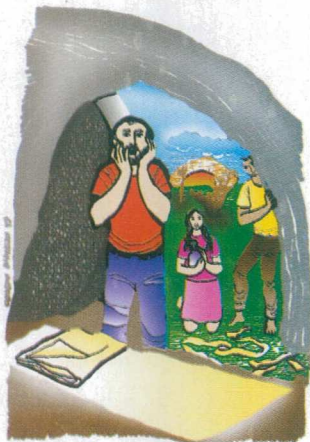
Por exemplo, quando ainda estava sentado à mesa, durante a última ceia, Jesus pronunciou uma frase que serviu como explicação de tudo o que aconteceria depois: *O Filho do Homem vai, como dele está escrito* (26,24). Em seguida, no Jardim das Oliveiras, quando os guardas se aproximaram para prendê-lo como se fosse um bandido, Jesus disse: *Tudo isto acontece para que se cumpram as Escrituras dos profetas* (26,56).

Também os outros evangelistas observaram o cumprimento das Escrituras, porém Mateus o destacou com maior insistência porque os judeus se escandalizavam com a idéia de um Messias humilhado, perseguido e morto. Esperavam-no como vencedor, dominador, grande e poderoso, um rei superior a todos os soberanos deste mundo.

E nós? Como entendemos o Messias e a Igreja? Cultivamos ainda a imagem de Igreja repleta de honrarias e de reconhecimento público, triunfalista, grande e aliada aos poderosos?

REFLEXÃO

Reconhecemos o Messias no pobre, no necessitado, no doente, em cada ser humano que precisa da nossa ajuda? Compreendemos que fazemos cair sobre nós mesmos e sobre nossos filhos o sangue de Jesus, quando não defendemos o irmão acusado injustamente ou maltratado, quando consentimos em qualquer forma de violência contra um ser humano? 



Dia de júbilo e de alegria!

Domingo da Páscoa
27 de março

INTRODUÇÃO

Cristo ressuscitou verdadeiramente para nós se aceitarmos abandonar as obras da morte: ódios, rancores, invejas, violência, vinganças e adultérios.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos
10,34a.37-43

Nossa alegria deve provir da vitória, em nós, da graça de Deus sobre a morte do pecado. Sem isso, todos os festejos que cercam esta data da Páscoa serão vazios e desprovidos de sentido.

A existência “nova” de Jesus ressuscitado, só se pode realizar em nós por nossa adesão consciente e livre à sua doutrina de amor.

Pedro demonstrou ter sido testemunha da ressurreição, não propriamente por havê-lo visto, mas por sua conversão. Daí, ter ele escrito: Os profetas deram testemunho de Jesus, anunciando que todos os que nele crêem recebem o perdão dos pecados por meio de seu nome (v.43).

Ora, bem sabemos como Pedro lamentavelmente negou conhecer Jesus, como tentou dissuadi-lo, até a última hora, de seu projeto de salvação, convencido de que o Messias deveria ser cheio do poder terreno.

Pois bem, pela ação do Espírito Santo, mudou completamente de idéia, começando por reconhecer que Deus era Senhor de todos, inclusive dos pagãos.

Para meditação: Salmo 117,1-2.16ab-17.22-23 (Refrão: *Este é o dia que o Senhor fez, dia de júbilo e de alegria*). Ação de graças, com procissão ao Templo para agradecer ao Deus vitorioso a libertação de seu povo. A Liturgia aplica este salmo a Cristo ressuscitado, vencedor do mundo velho do pecado.

2ª leitura: Colossenses 3,1-4

Paulo resume, numa expressão, todo o fruto pascoal tanto para os colossenses como para nós: Procurai as coisas do alto (v.1).

Esse convite significa, primeiro, que devemos orar sempre. Querer “rezar” é sinal de que nos sentimos fracos e necessitados da força de Deus. O Apóstolo continua dizendo: Cristo é a vossa vida (v.4). Faz-nos de novo lembrar que somos membros de Cristo (a Videira) e que nós, seus “ramos”, se nos separarmos dele, não produziremos fruto algum.

Em segundo lugar, ‘Procurai as coisas do alto’ nos solicita sensibilidade nova para as dificuldades da vida. Pois, como todos os demais, trabalhamos e nos ocupamos das coisas materiais, mas a maneira como “olhamos” para a dor, as doenças e outros problemas será sempre à luz de Deus.

A Ressurreição de Cristo nos dá visão mais profunda e a graça de Deus nos torna disponíveis para fazermos o bem que nos for possível diante dos sinais de morte, como desemprego, fome, miséria, abandono de nossos

irmãos mais necessitados (crianças, idosos, doentes).

Aclamação ao Evangelho (1Cor 5,7-8) Aleluia, aleluia, aleluia. *Cristo, nossa Páscoa, foi imolado; celebremos, pois, a festa.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: João 20,1-9

Otrecho deste evangelho, indica a atitude dos discípulos naquele dia de Páscoa e quer-nos dar uma explicação de como o autor e Pedro chegaram à fé em Jesus que havia ressuscitado.

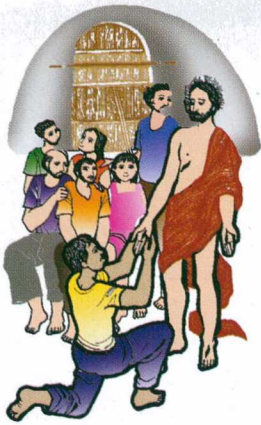
Mateus, ao narrar o mesmo fato, impressionou-se com o que Jesus lhe disse: *Alegrai-vos... Não temais!* (Mt 28,10). Estas palavras de Cristo não devem ser esquecidas quando, em seu nome, lutarmos contra as forças da morte (injustiça, opressão, calúnia, ódio, erro, violência...).

Devemos e podemos encarar as tribulações com júbilo porque temos certeza de que Cristo já venceu o pecado e todos os sinais de morte. Portanto, como discípulos seus, devemos ser sempre pessoas de esperança e transparecer isso no meio de todas as situações adversas.

Tampouco deveremos nos preocupar com que devemos falar quando nos perseguirem e zombarem de nossa fé: *Não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar: naquele momento ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer. Porque não sereis vós que falareis, mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós* (Mt 10,19).

REFLEXÃO

Nossa alegria pascoal é fundamentada em nossa mudança de coração? Acreditamos que nossas boas obras não podem faltar pois são manifestação da vida nova do Ressuscitado? Somos sempre portadores da esperança, em todas as situações?



Põe a mão em minhas chagas!

2º domingo da Páscoa
3 de abril

INTRODUÇÃO

Na medida em que tomamos contato com as chagas do Corpo de Jesus, isto é, com a dor e o sofrimento dos irmãos enfermos, pobres, humilhados e oprimidos, descobriremos o Senhor em seus membros.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 2,42-47

Em cada domingo, reunimo-nos para tornar presente este grande acontecimento: Jesus venceu o pecado e a morte.

Como acabamos de ouvir, a comunidade dos primeiros cristãos se reunia em torno de seu Senhor ressuscitado, tornando-se ela mesma o sinal de sua presença.

Assim também, para nós, a liturgia dominical se torna o lugar privilegiado de nosso encontro com o Senhor ressuscitado, que reconhecemos presente na assembléia, na Palavra, no sacerdote, no Pão e no Vinho.

Como outrora, proclamamos, durante a santa missa, que Jesus é Se-

nhor e Deus, anunciamos seu perdão e sua paz, e — muito importante — somos, depois, enviados para dar testemunho da vida nova.

Agimos dessa forma porque acreditamos na palavra de Jesus, embora não o vejamos com os olhos do corpo. Mas tocamos-lo e o vemos com o olhar da fé, quando acolhemos os irmãos. Quaisquer irmãos.

Para meditação: Salmo 117,2-4.13-15.22-24 (Refrão: *Dai graças ao Senhor, pois ele é bom: eterno é seu amor*). Nossa força é o Senhor. Ele é nossa salvação! Busquemo-lo pela oração e o encontraremos nos irmãos.

2ª leitura: 1ª Carta de Pedro 1,3-9

A primeira parte desta leitura (vv.3-5) é tirada de um antigo hino batismal.

Embora colocado na boca de quem ia se batizar durante a missa de Páscoa, vale também para nós, já batizados. Bendizemos a Deus pela obra da salvação por meio de Jesus. Sua ressurreição é fonte de inspiração para nos regenerarmos, ânimo para abertura aos irmãos e conforto, esperança em todas as tribulações.

Na segunda parte, reforça-se a alegria que nos vem, principalmente no sofrimento, porque temos fé na palavra de Deus e amamos aquele a quem não vemos.

De fato, a nova vida que nos foi infundida no batismo, não pode ser experimentada com os sentidos, mas nem por isso é menos verdadeira.

Aclamação ao Evangelho: Aleluia, aleluia, aleluia. *Porque me viste, Tomé, acreditaste. Felizes aqueles que crêem sem ter visto.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: João 20,19-31

Na primeira parte deste evangelho, João nos conta como Jesus comunicou aos apóstolos seu Espírito e lhes

infundiu o poder de vencer as forças do mal. Na segunda, narra o famoso episódio de Tomé.

As duas aparições aconteceram num domingo, no encontro semanal da assembléia cristã. É esta a hora durante a qual Jesus se manifesta aos discípulos de maneira especial.

Quem não se encontra com a comunidade reunida, não acha Jesus ressuscitado, nem pode ouvir a sua saudação e a sua palavra. Não recebe sua paz, não prova da sua alegria, nem recebe seu Espírito.

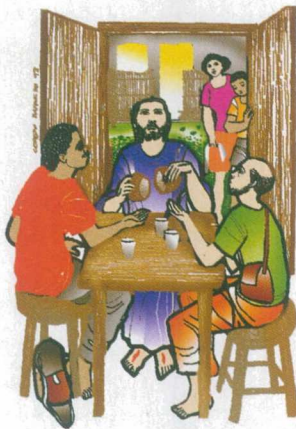
Participando da assembléia comunitária, passamos pela mesma experiência dos Apóstolos. É nos domingos que Jesus marca para todos nós, seus discípulos, extraordinário momento de graça.

Sem dúvida, que podemos (e devemos) rezar, todos os dias. E para isso, não precisamos estar na igreja. No nosso interior, sem que ninguém veja nem perceba, podemos elevar nosso pensamento ao Senhor. Mas a graça especial que nos é oferecida por Jesus ressuscitado, através da oração em comunidade, só nos virá se estivermos integrados nela. Após essa profissão de fé pública na igreja, levamos essa fé para a vida concreta.

Quando defendemos a vida e o amor estável do matrimônio, denunciemos a injustiça, visitamos o enfermo, dividimos nossa roupa com os nus e damos de comer aos famintos... Jesus está ressuscitando em nós!

REFLEXÃO

Acreditamos que Jesus está presente nos mais humildes? Damos valor à oração em comum? É com alegria que participamos das missas, unindo-nos à expressão comunitária e pública de nossa fé? Confiantes em Cristo, lutamos contra a fome, o desemprego, a opressão e as injustiças?



Fé e esperança, postas em Deus!

3º domingo da Páscoa
10 de abril

INTRODUÇÃO

Emaús sempre foi um bom nome para lugares de hospitalidade e para espaços de acolhida fraternal. O que vêem os outros em nosso grupo de fiéis: união, amor, fé, abertura, solidariedade com os pobres, testemunho de esperança, otimismo, alegria, cordialidade, tolerância e compreensão?

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos,
2,14.22-33

Assim como Jesus morreu e ressuscitou, também devemos sair das situações de morte e ressuscitar. O que isso quer dizer? Em primeiro lugar, significa converter-nos, arrependendo-nos de nossos pecados. Para isso, Pedro nos lembra a necessidade da oração: Sem cessar, ver o Senhor diante de nós. Ele estará à nossa direita, para que não vacilemos (cf. v.25).

Em seguida, devemos lutar pelos caminhos de vida não tolerando o ódio, o ressentimento, alimentados por nos-

so orgulho ferido. Por último, executar ações concretas de caridade: dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, visitar os doentes e os que sofrem nas prisões.

Só, então, ofereceremos ao Senhor nosso sacrifício com alegria, que provém da sua presença entre nós, por sua graça, nos pobres. Esta será a condição para podermos partilhar eficazmente do pão eucarístico.

Para meditação: Salmo 15,1-2a.5.7-8.9-10.11 (Refrão: *Vós me ensinareis o caminho da vida, Senhor*). Quem abandona as falsas seguranças deste mundo, encontra em Deus a certeza de que para além das portas da morte lhe estará reservada a alegria de uma vida sem fim ao lado de Deus.

2ª leitura: 1ª Carta de Pedro, 1,17-21

Agora, é o próprio Pedro quem nos escreve: Deus ressuscitou seu Filho... para que nossa fé e nossa esperança estejam postas em Deus (cf. v.21). Esta nova presença de Cristo ressuscitado na comunidade de fé é sumamente alentadora para nós que não conhecemos a Jesus pessoalmente.

Cristo, inaugurando um novo tipo de presença, disse-nos: *Eis que eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo* (Mt 28,20). Sentimo-nos protegidos pela presença de Cristo, mas não nos fechemos egoisticamente numa 'defesa' contra todos os males. Vejamos neles a ação de Deus!

Num sentido amplo de abertura aos irmãos, contamos com a presença de Jesus, no faminto, no que tem sede, no idoso, na criança abandonada, no morador de rua. Esta interpretação da presença de Cristo é tão profunda que recebe de todos — cristãos ou não-cristãos — apoio e aplauso universal, sinal evidente da presença do Espírito Santo.

Aclamação ao Evangelho

Aleluia, aleluia, aleluia. *Senhor Jesus, fazei-nos compreender as Escrituras e arder o nosso coração, quando nos falais.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lucas 24,13-35

Admiramo-nos de que os dois discípulos de Emaús não tenham reconhecido Jesus na figura do viajante e em nossos dias não percebemos a presença de Cristo nos necessitados.

O resultado desse conhecimento incompleto é a tristeza. Sem a fé na Ressurreição, as derrotas permanecem derrotas, a vida termina com a morte e esta é somente uma tragédia sem sentido.

Como se pode chegar a uma situação dessas? Analisemos como procederam aqueles dois discípulos. Antes de mais nada, tinham abandonado a comunidade, o grupo daqueles que procuravam uma explicação para o que tinha acontecido. Preferiram viajar sozinhos, na convicção de que certos dramas não poderiam ser entendidos por ninguém.

Hoje, no século XXI, o contrassenso continua: na hora da tentação da fé, no meio da tempestade da dor, após a perda de entes queridos, fechamo-nos e agimos como se nem fôssemos batizados, não interpretando aquele acontecimento desagradável com o olhar de Deus. E dizemos: "Não vou mais à Igreja; se Deus existisse, não faria isso comigo, etc..."

Como de costume, o Ressuscitado não é reconhecido com facilidade. Nem naquela época pelos apóstolos, nem hoje.

REFLEXÃO

Recorremos à Sagrada Escritura para entendermos o que nos acontece todos os dias? Emaús é um bom nome para nosso lar? Reconhecemos o Ressuscitado nos pobres, excluídos, doentes, nos necessitados de nosso tempo, de nossa atenção?



Que devemos fazer, irmãos?

4º domingo da Páscoa
17 de abril

INTRODUÇÃO

Qual é nossa reação aos sinais de morte: fome, desemprego, corrupção, exploração de menores, abandono das crianças, desatenção com os idosos, esquecimento dos doentes e encarcerados...? Cristo veio para que todos tivéssemos vida e a tivéssemos em abundância! E nós? Cruzamos os braços?

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos
2, 14a.36-41

De modo diferente da obstinação dos fariseus que teimavam em não aceitar a mensagem de Cristo, muitas pessoas de várias nações que se achavam em Jerusalém, após ouvirem a pregação de Pedro, compungidas no íntimo do coração, indagaram dele e dos demais apóstolos: *Que devemos fazer, irmãos?*

Esta completa abertura para a verdade é exigida de cada um de nós diante dos questionamentos da palavra de Deus. Esta sempre é denúncia do pecado e chamada à conversão e mudan-

ça de nosso modo de pensar e viver.

Diante desta Palavra, nossa única postura honesta é a escuta humilde, a disposição para mudar, para renegar os erros do passado, para não justificar nossos pecados cometidos, para começar uma vida nova.

Nada fazer diante de tanto mal é como virar as costas para Cristo crucificado.

Para meditação: Salmo 22, 1-3a.3b-4.5.6 (Refrão: *O Senhor é meu pastor, nada me falta*). Jesus é o guia de nossas almas. Estamos nas mãos da Providência divina que cuida sempre de nós com o maior carinho.

2ª leitura: 1ª Carta de Pedro 2, 20b-25

Pedro se dirige aos escravos recém-batizados perseguidos e maltratados por seus patrões. Estes implicavam com eles porque, depois do batismo, tinham rompido com os hábitos antigos, abandonado as más companhias e assumido comportamento irrepreensível.

Como deveriam comportar-se? Revoltar-se? Reagir com violência? Pedro responde com o exemplo de Jesus. Como se comportou ele quando foi tratado injustamente? Por acaso ensinou a empregar a violência? Pagou o mal com o mal? Mentiu para quem lhe mentia? — pergunta ele. Não. Ultrajado, ele não retribuía com idêntico ultraje; maltratado, não proferia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça (v.23).

Os atos de violência pertencem à vida antiga. São reações antiquadas que sempre existiram entre os homens.

Nós fomos chamados para introduzir no mundo uma novidade absoluta, alguma coisa que nunca se viu: o amor sem condições, para todos, até para os nossos inimigos.

Aclamação ao Evangelho Aleluia, aleluia, aleluia. *Eu sou o bom pastor, diz o Senhor, conheço minhas ovelhas*

e minhas ovelhas me conhecem.
Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Jo 10, 1-10

João reporta-se ao capítulo 37 do Livro de profeta Ezequiel, que fala primeiramente da triste situação do rebanho por culpa dos pastores e, depois, do anúncio que Deus faz de guiar seu povo mediante um novo pastor.


Jesus, declarando-se pastor das ovelhas, porta do redil, bom pastor, revela-se a si mesmo como o Messias anunciado. Na mesma imagem, chama-nos de suas ovelhas e diz que conhecemos seu poder de doação.

No último versículo, Jesus afirma que ele veio para dar a vida. Não promete um caminho fácil, promete a vida e afirma que a distribuirá com abundância.

De que espécie de vida se trata? Daquela do além? Não! Ele se refere, antes de tudo, à vida deste mundo. É aqui que devemos nos empenhar para que todos possam ter uma existência feliz. Somente assim provaremos que somos discípulos do verdadeiro Pastor que deu sua vida para que nós a tivéssemos em abundância.

O pastor defende suas ovelhas de todos os sinais de morte: procura a vida. Quem mata, rouba, embebeda-se, arruína as famílias dos outros, calunia, agride, pratica a violência, oprime a própria mulher, procura a morte. De que lado estamos?

REFLEXÃO

O que fazemos para diminuir o mal que nos cerca? Somos ainda do tempo de pagar o mal com o mal e de fazer o bem somente a quem nos trata bem? Somos a favor da violência? Ou procuramos o diálogo para resolver nossas pendências? Conhecemos o poder de doação de nosso Pastor e não duvidamos dele, mas ele pode contar também com nossa doação aos irmãos? 



Jesus: caminho para o Pai

5º domingo da Páscoa
24 de abril

INTRODUÇÃO

Para nós, cristãos, Cristo é Caminho, Verdade e Vida. Há muitas pessoas, porém, que buscam sinceramente a verdade e vivem com retidão e amor ao próximo, sem se dizerem cristãos. São talvez mais próximos da salvação do que muitos de nós de fé fraca.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 6,1-7

Embara os cristãos da comunidade de Jerusalém pertencessem todos à nação judaica, contudo diferenciavam-se entre si pela língua e cultura. Uns eram judeus palestinos que falavam Hebraico e outros eram judeus provenientes de outras nações que falavam Grego. Estes últimos denunciaram junto aos apóstolos a discriminação que era feita com suas viúvas na distribuição diária de gêneros alimentícios. Os apóstolos reuniram-se em assembléia e, de comum acordo, tomaram uma decisão.

A primeira lição que nos vem desse episódio é que a Igreja e nossa comunidade são formadas por homens e não

por anjos. Portanto, sempre aparecerão invejas, ciúmes, incompreensões entre pessoas de mentalidades e culturas diferentes.

A regra sempre será a caridade. Devemo-nos lembrar que somos pecadores e temos de nos converter sempre a Cristo. Aproximando-nos dele, criaremos uma unidade sempre maior entre nós.

A segunda é que, diante das crescentes necessidades da comunidade, os apóstolos não reservaram para si toda a autoridade. Não quiseram assumir tudo, não aceitaram ser os únicos responsáveis por todas as tarefas e por todos os trabalhos... Democraticamente, com o consentimento da comunidade, dividiram-nos com os diáconos.

Para meditação: Salmo 32,1-2.4-5.18-19 (Refrão: *Que o vosso amor vele sobre nós, Senhor!*). Indicando o caminho de ação para nossas comunidades, o salmista reza, proclamando que a palavra do Senhor é sempre reta e ele ama o direito e a justiça.

2ª leitura: 1ª Carta de Pedro 2,4-9

Pedro defende esta mesma idéia, dizendo-nos que fomos chamados *das trevas para a luz maravilhosa* (v.9).

Assim tiveram início, na Igreja primitiva, aquelas comunidades que hoje chamamos de ministeriais, ou seja, comunidades em que todos se sentiam irmãos e desfrutavam da mesma dignidade, cujo único título de honra era o de servir aos mais necessitados, onde todos se sentiam comprometidos a desenvolver qualquer serviço para a comunidade.

E nós? Já pensamos em fazer alguma coisa de concreto pelos outros na nossa paróquia? Ou nos acomodamos naquela velha idéia: "Assisto à minha 'missinha' de domingo e basta? Servir aos outros? Nem pensar!"

Aclamação ao Evangelho: Aleluia, aleluia, aleluia. *Eu sou o caminho, a*

verdade e a vida, diz o Senhor; ninguém pode ir ao Pai, senão por meio de mim. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: João 14,1-12

Não devemos, porém, julgar os outros! Vemos as aparências, só Deus vê o coração. Não é o fato de uma pessoa não fazer parte de nenhuma associação nem ministério que signifique estar ela desagradando a Deus.

Na casa do Pai há muitas moradas. Há muitos serviços a fazer, muitas funções a serem desempenhadas, a começar pelos afazeres de casa: quem está assistindo um doente, em casa ou no hospital; quem dedica todo o seu tempo a uma criança excepcional, a um idoso, está construindo um edifício espiritual, dedica-se também a um sacerdócio santo e oferece sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus.

O caminho que conduz a Deus será sempre o do dom de si que se concretiza no serviço prestado aos irmãos. Já aprendemos que caminho é esse. Trata-se de tarefa difícil, exercida primeiro por Cristo. Exige o sacrifício da própria vida pelos outros.

Jesus falou muitas vezes sobre o "dom da vida", o doar-se aos irmãos, mas os discípulos sempre manifestaram dificuldades para entender. Ele ensinou que o melhor "lugar" é aquele onde se pode servir o irmão mais e melhor.

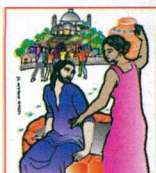
REFLEXÃO

Se exercemos cargos de liderança, sabemos consultar os outros antes de tomar decisões? Temos a humildade de reconhecer que não podemos fazer tudo sozinhos e dividimos nossas tarefas com outras pessoas? Estamos convencidos de que o melhor "lugar" é aquele onde se pode servir o irmão mais e melhor?



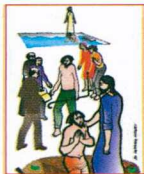
LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE MARÇO

3.^a DOMINGO DA QUARESMA



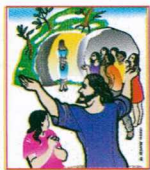
1º - TERÇA: Dn 3,25.34-43 = Malgrado nossos pecados, perdoai-nos, Senhor. Sl 24. Mt 18,21-35 = Perdoar sem limite. **2 - QUARTA:** Dt 4,1.5-9 = Observai a minha Lei e não a olvideis. Sl 147. Mt 5,17-19 = Não vim abolir, e sim completar a Lei e os profetas. **3 - QUINTA:** Jr 7,23-28 = Não escutam a voz nem aceitam as advertências de Deus. Sl 94. Lc 11,14-23 = É pelo diabo que ele expulsa demônios. **4 - SEXTA:** Os 14,2-10 = Apelo à conversão: volta ao Senhor, teu Deus. Sl 80. Mc 12,28b-34 = Os dois maiores mandamentos. **5 - SÁBADO:** Os 6,1-6 = Eu quero o amor, mais que os sacrifícios. Sl 50. Lc 18,9-14 = Parábola do fariseu e do publicano.

4.^a DOMINGO DA QUARESMA



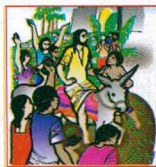
7 - SEGUNDA: Is 65,17-21 = Não haverá mais soluço nem tristeza, nem morte prematura. Sl 29. Jo 4,43-54 = Cura do filho de um oficial em Cafarnaum. **8 - TERÇA:** Ez 47,1-9.12 = Poder da fonte maravilhosa que jorra do Templo. Sl 45. Jo 5,1-16 = Jesus cura um paralítico sem ajuda de água. **9 - QUARTA:** Is 49,8-15 = Deus consola o seu povo na aflição. Sl 144. Jo 5,17-30 = Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida. **10 - QUINTA:** Ex 32,7-14 = Moisés aplaca o Senhor. Sl 105. Jo 5,31-47 = Tudo o que faço prova que sou enviado pelo Pai. **11 - SEXTA:** Sb 2,1a.12-22 = Prendamos e condenemos o justo a uma morte infame. Sl 33. Jo 7,1-2.10.25-30 = Não é este aquele a quem procuram tirar a vida? **12 - SÁBADO:** Jr 11,18-20 = Manso cordeiro conduzido à matança, eu ignorava as maquinações. Sl 7. Jo 7,40-53 = Os chefes tramam contra Jesus: "Da Galiléia não sai profeta algum".

5.^a DOMINGO DA QUARESMA



14 - SEGUNDA: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62 = Daniel livra Susana inocente. Sl 22. Jo 8,12-20 = Sou a luz do mundo. **15 - TERÇA:** Nm 21,4-9 = Quem olhava para a serpente no estandarte ficava curado. Sl 101. Jo 8,21-30 = Quando tiverdes levantado o Filho do homem, haveis de reconhecê-lo. **16 - QUARTA:** Dn 3, 14-20.24.49a.91-92.95 = Deus livra os três jovens da fornalha. Cânt.: Dn 3,52-56. Jo 8,31-42 = A verdade vos livrará. **17 - QUINTA:** Gn 17,3-9 = Deus muda o nome de Abrão para Abraão, pai de uma multidão. Sl 104. Jo 8,51-59 = Abraão viu o meu dia, e ficou cheio de alegria. **18 - SEXTA:** Jr 20,10-13 = O Senhor está comigo: meus perseguidores não vencerão. Sl 17. Jo 10,31-42 = Jesus escapa dos que o queriam apedrejar. **19 - SÁBADO:** S. José, esposo de Nossa Senhora. 2Sm 7,4-5a.12-14a.16 = O Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai. Sl 88. Rm 4,13.16-18.22 = Abraão acreditou, esperando contra toda esperança. Mt 1,16.18-21.24a = José fez como lhe ordenara o anjo.

SEMANA SANTA



21 - SEGUNDA: Is 42,1-7 = 1º cântico do Servo: apresentação. Sl 26. Jo 12,1-11 = Seis dias antes da Páscoa, jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus. **22 - TERÇA:** Is 49,1-6 = 2º cântico do Servo: a missão. Sl 70. Jo 13,21-33.36-38 = Jesus anuncia a traição dos seus. **23 - QUARTA:** Is 50,4-9a. Sl 68. Mt 26,14-25 = Traído, o Filho do homem vai... **24 - QUINTA:** Ceia do Senhor. Ex 12,1-8.11-14 = Solene ceia do cordeiro pascal. Sl 115. 1Cor 11,23-26 = A nova ceia pascal. Jo 13,1-15 = Jesus lava os pés dos apóstolos. **25 - SEXTA:** Paixão do Senhor. Is 52,13 — 53,1-12 = Quarto cântico do Servo: paixão e glória. Sl 30. Hb 4,14-16; 5,7-9 = Jesus, sumo-sacerdote, passou pelas mesmas provações que nós. Jo 18,1—19,42 = Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. **26 - SÁBADO:** Vigília Pascal. Ex 14,15 — 15,1 = Passagem do pecado à graça da salvação. Cânt.: Ex 15,1-18. Rm 6,3-11 = Sepultados com Cristo, pelo batismo, ressuscitemos com ele. Mt 28,1-10 = Anúncio da Ressurreição.

SEMANA DA OITAVA DA PÁSCOA



28 - SEGUNDA: At 2,14.22-32 = Pedro: Jesus, que matastes, Deus o ressuscitou! Sl 15. Mt 28,8-15 = Aparição às mulheres. **29 - TERÇA:** At 2,36-41 = Pedro: Jesus, que crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Messias. Sl 32. Jo 20,11-18 = Aparição à Maria Madalena. **30 - QUARTA:** At 3,1-10 = Pedro a um coxo: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! Sl 104. Lc 24,13-35 = A caminho de Emaús. **31 - QUINTA:** At 3,11-26 = Pedro: matastes o autor da vida, mas Deus o ressuscitou. Sl 8. Lc 24,35-48 = Aparição aos onze.

Agressões do silêncio

Wimer Botura Jr.

Imagine você chamando seguidamente uma pessoa pelo nome e esta não lhe respondendo, agindo como se não o estivesse ouvindo. O que você sentiria? Esta talvez seja a maior forma de agressão silenciosa que pode ocorrer. Em inúmeros *workshops* (oficinas, laboratórios) que conduzi, a maioria das pessoas já começava a manifestar alterações corporais características de irritação antes mesmo que o interlocutor não ouvisse ser chamado pela terceira vez. Trata-se da negação do estímulo, da pessoa. Qualquer pessoa com saúde irá responder com agressividade depois de uma determinada quantidade de negações. Principalmente a criança, desprovida de qualquer racionalidade, irá ficar agressiva a princípio. Se não conseguir se fazer ouvir pelo pai, irá quebrar algo importante, ou irá provocar o irmão, fará algo que leve seu pai a percebê-la. Muitas vezes, o pai só perceberá a criança, quando esta desenvolver um grave problema.



O pai, além de negar o estímulo com seu silêncio, nega as pessoas com sua defesa lógica. Acredito que este tipo de agressão silenciosa seja o mais violento de todos os exemplos que pude coletar. A esposa, se for uma pessoa muito infantil, reagirá com irritabilidade e acabará sendo o “bode expiatório” da problemática da família. Se ela vier a crescer e mudar sua forma de agir, a problemática do marido irá aparecer. Se o problema do pai não aparecer antes, todos virão a apresentar problemas, numa evolução trágica para aquela família. Analisemos esta história:

Seu sonho, desde a infância, era ser igual à dona Cármen, esposa do médico da pequena cidade do interior onde morava.

Maria, tal qual dona Cármen, sempre cultivou a elegância, a aparência feliz e de boa estabilidade econômica, embora tivesse uma educação que a fez ter pouca confiança em si e uma baixa auto-estima.

Os anos se passaram e Maria, apesar de todo seu esforço, não conseguiu arranjar um namorado a tempo de se casar antes de sua irmã mais nova. Sua irmã realizou, como diziam os comentários, um excelente casamento e o seu aparente sucesso deixou Maria ainda mais ansiosa, insegura e temerosa. Chegou até a ter crises silenciosas de angústia, principalmente quando a atenção da família voltava-se contra sua solteirice.

Quando já estava com 25 anos, uma solteirona quase convicta para sua época e crença, conheceu um médico de uma cidade vizinha com quem, em apenas seis meses, acabou se casando.

Parecia um sonho. No fundo, no fundo, Maria jamais acreditou que conseguisse tal feito. Agora, sim, aparentava estar feliz. Todos seus desejos estavam sendo realizados. Maria estava feliz pelo alívio, pela vitória, pela segurança, pelo sonho. Um marido... Um marido para ser exibido àqueles que a julgavam incapaz.

Seu marido... Bem, seu marido, Roberto, era valorizado por aqueles que o conheciam, era querido pelos amigos, mas trazia dentro de si — lá dentro de si, sem ninguém saber — uma baixa auto-estima, uma péssima auto-imagem e nunca acreditava absolutamente em si. Para ele, casar-se com Maria era bom. Melhor dizendo, servia. Naquele momento, Maria servia para ele. Era assim que ele pensava: “Com Maria, dá para quebrar o galho”.

Na festa do casamento, Maria parecia muito feliz. Quando vieram os filhos, sua felicidade transbordou, pois não acreditava que pudesse tê-los tão bem assim.

Roberto, durante anos, deu duro para se firmar em sua profissão, sustentar a família. Roberto trabalhava, participava da comunidade, dos problemas da cidade, envolvia-se com o mundo.

Maria, durante anos, adorou o marido e os filhos. Adorava sonhar, continuar seus sonhos de menina. Maria adorava adorar o marido, sua família.

Roberto e Maria, durante anos, pouco se falaram. Seus

ênncio proposital

pontos de vista eram frontalmente diferentes, tão diferentes que as conversas eram estrategicamente evitadas.

Um dia, Roberto cresceu, superou suas fragilidades e sentiu a falta de uma mulher adulta ao seu lado. Mas, Maria só queria sonhar...

Os poucos e desencontrados diálogos que se ouviam na casa começaram a adquirir um tom cada vez mais pesado e rude.

— Maria!

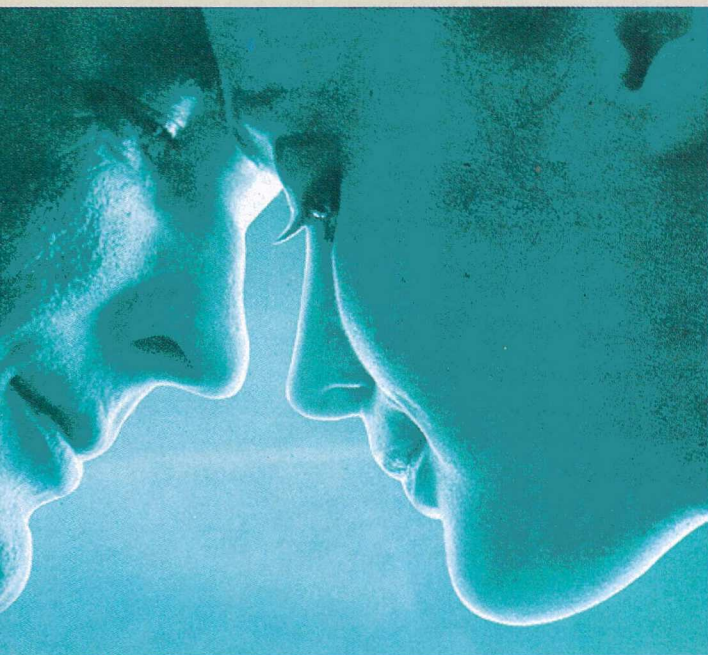
— Você falou comigo, Roberto?

— Maria, você vai precisar do carro amanhã?

— Você quer saber se vou precisar do carro amanhã, meu bem?

— Não, Maria, eu quero que você se dane!

Maria chorava escondida quando Roberto a maltratava dessa maneira. De alguma forma, ela se sentia obrigada a



sair do seu sonho e ficava enraivecida e amedrontada com a realidade. Tinha, na verdade, medo de crescer. Da mesma forma que muitos delirantes não querem sair do delírio, porque nele encontram-se aparentemente felizes, ela não queria sair do sonho.

Dia após dia, Maria tentava recuperar a calma com o marido:

— Roberto, vamos ao cinema hoje?

— Hoje, não. Depois, no próximo fim de semana, querida.

— Roberto, precisamos comprar uma cortina para a sala.

— Depois. Amanhã a gente vê isso, certo, querida?

Era sempre assim que Roberto respondia, até fazer Maria esquecer totalmente do assunto e de suas idéias.

Às vezes, Maria tentava ser mais exigente e mais incisiva, mas Roberto dizia que ela era muito agressiva.

Hoje, Maria anda confusa e triste.

Hoje, Roberto anda cansado e nervoso.

Hoje, vão discutir novamente.

Amanhã, vão ter uma briga para valer.

Maria vai, aos poucos, decidindo que não pode contar com o marido, vai perdendo o estímulo para interagir. Pensa que não adianta esperar algo dele, se o que vem é sempre a mesma coisa: frustração.

Aos poucos, vai procurando compartilhar suas necessidades com outras pessoas. Já não há diálogo, interesse, expectativas de coisas boas nesta relação. Sente-se desestimulada, deprimida, e, se não encontra apoio suficiente nas outras pessoas, vê sua capacidade de realizar diminuída. Aos poucos, estará adiando também. Cada frustração foi uma raiva que engoliu. Ficar, então, deprimida ou com sintomas de raiva reprimida. Se for se defender, ficará com fama de agressiva, pois a maioria das pessoas não percebem as agressões constantes, geralmente embutidas em simpáticas desculpas, em explicações aparentemente convincentes. Já Roberto sentir-se-á incompreendido e não entenderá por que Maria age com ele desta maneira. Não percebe que é ele mesmo quem provoca a raiva de sua companheira.

Ela traz da infância a dificuldade de tomar contato com a realidade, pois sente-se inferior. Ele, da mesma forma, traz uma dor muito bem camuflada. Ambos encontram-se na vida e estabelecem um relacionamento movido muito mais pelo alívio das dores de seus diálogos internos, que pelo desejo e amor entre homem e mulher. Acabaram trocando conformismos e a agressão silenciosa se instaura aqui por ambos negarem a si mesmos e deixarem somente vir à tona seus antepassados, através do outro.

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: Agressões silenciosas, Ed. O.L.M., SP.

Vamos cozinhar?!

Entrada

SALADA DE AGRIÃO E RABANETES

Ingredientes

- 1 maço de agrião
- 8 rabanetes, cortados em rodelas com casca
- 1 colher/sopa de cebola picadinha
- 2 colheres/sopa de salsa picadinha
- 1 xícara/chá de ricota
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de leite sal e pimenta-do-reino a gosto.



Modo de preparar

1. Arrume o agrião e os rabanetes em uma saladeira.
2. Bata no liquidificador os ingredientes do molho.
3. Sirva a salada com o molho à parte.

Prato principal

TORTA DE BATATAS

Ingredientes

- 1 kg de batatas
- 1 cebola média picada
- 2 colheres/sopa de margarina
- 3 colheres/sopa de farinha de trigo
- 4 gemas
- 4 claras batidas em neve
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de queijo parmesão ralado.

Modo de preparar

1. Cozinhe as batatas com a casca. Descasque-as e passe-as no espremedor. Frite a cebola na margarina até dourar.
2. Junte as batatas e mexa-as bem. Retire do fogo, adicione a farinha de trigo e misture bem.
3. Deixe esfriar, junte as gemas, o queijo ralado e as claras batidas em neve. Mexa delicadamente.
4. Coloque em uma fôrma de buraco no meio, untada e polvilhada com farinha de trigo e leve ao forno pré-aquecido durante 55 minutos até dourar. Desenforme e sirva quente.

Sobremesa

MOUSSE DE ABACAXI

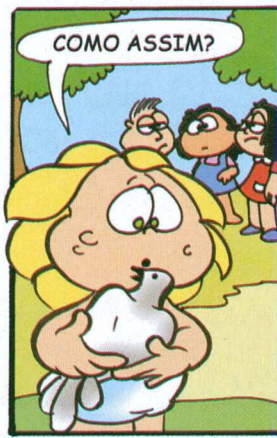
Ingredientes

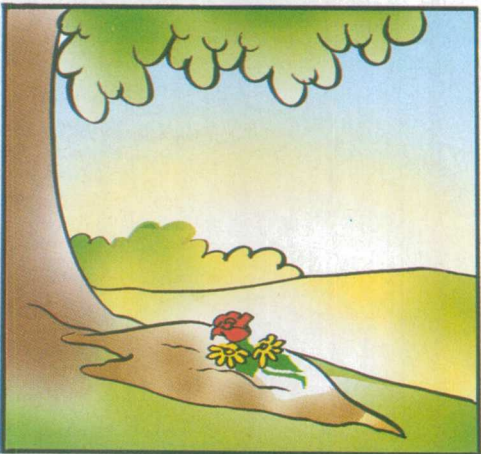
- 1 lata de abacaxi em calda
- 1 envelope de gelatina sem sabor (12g)
- 1 lata de creme de leite
- 4 claras batidas em neve
- 4 colheres/sopa rasas de açúcar

Modo de preparar

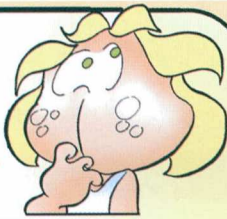
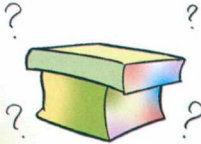
1. Pique o abacaxi em pedaços miúdos... Prepare a gelatina conforme as instruções da embalagem e dissolva-a em banho-maria. Misture a gelatina com a calda de abacaxi e os pedacinhos de frutas. Leve à geladeira por aproximadamente 1 hora.
2. Acrescente o creme de leite gelado e sem o soro e as claras em neve, batidas com o açúcar.
3. Despeje a mousse em taças e leve à geladeira por mais ou menos três horas.

Um encontro de paz





O QUE HÁ NA CAIXA?



C A N E C A C R P
 A C L U A R A U A
 U H A B L U N B P
 R I E U R N E S E L
 S N R H S A T E L
 A E D I A R I O D
 U L A E U T N A E
 T O R H R D H U C
 A S U B A O A N A
 M A D I A H R L R
 P O B U R S O U T
 I A R T H N A R A
 N U S E U T E H U
 H S A N B O L A S
 A T R E H A M Q R

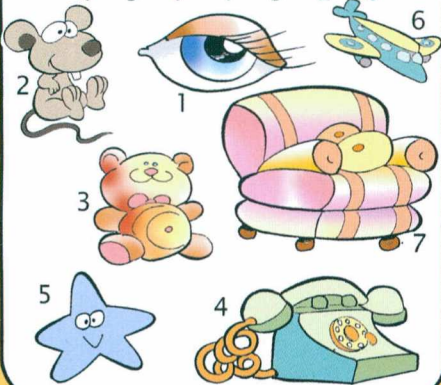
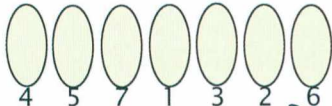
ENCONTRE AS PALAVRAS NO QUADRO E ESCREVA AQUI



VAMOS COMPLETAR?

O QUE É O QUE É ?

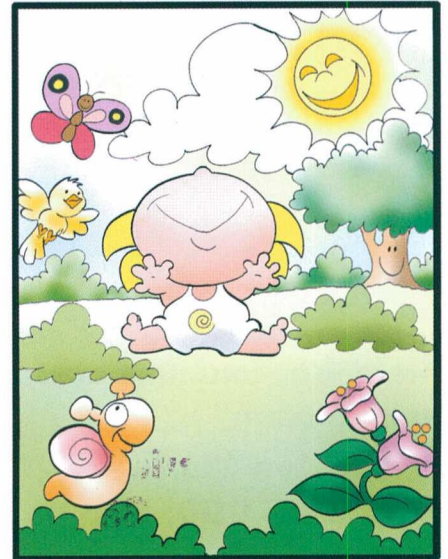
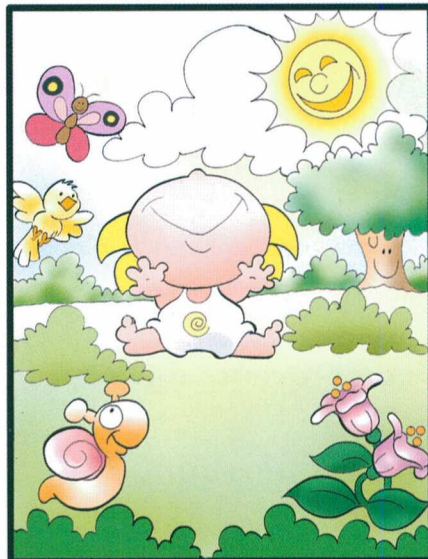
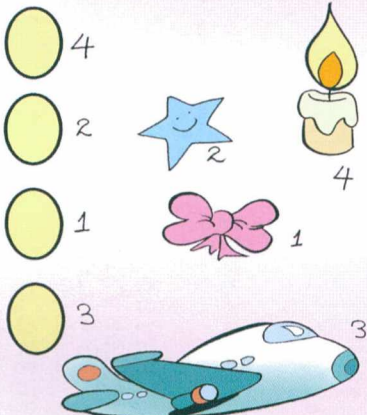
TEM PERNAS MAS NÃO ANDA; CORTA MAS NÃO É FACA?
 COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DE CADA FIGURA NOS LUGARES INDICADOS E DESCUBRA!



SETE ERROS

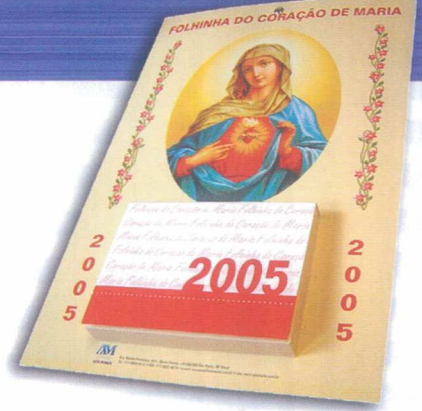
Encontre sete diferenças entre essas duas cenas da Cassilda curtindo a natureza!

COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DO NOME DE CADA FIGURA NOS LUGARES E DESCUBRA UMA PALAVRA!



PROMOÇÃO PARA NOVAS ASSINATURAS

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.



Grátis!

**ESCOLHA
UMA FOLHINHA
PARA VOCÊ E UMA PARA
CADA NOVO ASSINANTE!**

- Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha 1 **FOLHINHA** e o novo assinante ganha **OUTRA**.
- Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (R\$ 25,00) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:
 - Banco Itaú - Agência 0061 – Conta Corrente 51519-3 ou
 - Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0
- Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de uma das folhinhas **1 2 3**

Assinatura Data:/...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de uma das folhinhas **1 2 3**

Depois envie os cupons acima preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - CEP 01226-000 São Paulo, SP

• Mais informações: **Ligue grátis 0800-555-021**



Mala Direta Postal
7214357/2001/2004 - DR/S/PM
AÇÃO SOCIAL CLARETIANA
CORREIOS

MARIA
REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP